

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Caroline de Mutus Rocha

Suicídio: Uma visão fenomenológica com base nas vivências do jovem Werther

São Paulo
2012

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Caroline de Mutus Rocha
Orientador: João Pedro Perosa

Suicídio: Uma visão fenomenológica com base nas vivências do jovem Werther

Abordagem: Fenomenologia
Palavras chave: Suicídio, Fenomenologia, Os sofrimentos do jovem Werther, Goethe, Sofrimentos por amor.

São Paulo
2012

RESUMO

O suicídio é um fenômeno julgado e repreendido pela sociedade. Por essa razão, tem sido alvo de atenção de nossa cultura. Ao mesmo tempo, o enigma nele envolto desperta a curiosidade de muitos. O que leva alguém a por fim à própria vida? O presente estudo busca compreender o fenômeno do suicídio a luz da metodologia fenomenológica, com base nas confissões e relatos das vivências de Werther no livro “Os sofrimentos do jovem Werther”, de Wolfgang Goethe. Nesse projeto foi possível perceber sentidos no ato de suicídio, sentidos esses que permitem compreender não o ato, mas o sentido dele numa determinada vida. A hermenêutica da arte nos ajuda a compreender um pouco mais sobre a condição existencial.

INTRODUÇÃO

“Só há um problema filosófico verdadeiramente serio: é o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida é responder uma questão fundamental da filosofia.” (Camus, 2002, p. 6).

O suicídio é, principalmente nos dias de hoje, um grande tabu, que desperta a curiosidade de muitos, curiosidade essa que é extremamente permeada por preconceitos e julgamentos. Segundo Dias (1991) “(...) o tabu imposto ao falar da morte repercute sobre o suicida, impedindo-o de se comunicar abertamente sobre seus motivos.” (p. 38), o que também contribui para o grande enigma em torno do tema. A autora afirma que “se a idéia é evitar o suicídio, a desaprovação social acaba reforçando a criação de um tabu sobre o tema agindo no sentido de impossibilitar a prevenção e de isolar o individuo com seus motivos.” (1991, p. 40).

Um dos símbolos da repressão sobre o suicídio na sociedade moderna pode ser entendido com a prisão de um dos autores do livro “Suicídio: modo de usar”, por ter respondido a carta de um suicida, indicando-lhe o que deveria fazer, e este se matou da maneira que lhe foi indicada. Guillon e Bonniec, os autores do livro, diferentemente da maior parte da sociedade, acreditam que os seres humanos devem poder usar livremente, e com conhecimento de causa, o direito de ter uma morte sem violência e em condições que não atentem contra a dignidade humana. Por essa razão, organizaram o livro, uma espécie de guia, onde intencionam instrumentar o verdadeiro suicida para que possa executar um ato definitivo, evitando mutilações e uma recuperação e sobrevivência precária, muitas vezes necessitando do eterno auxílio do medico. (Dias, 1991).

Apesar de o livro não ter sido proibido pelo ministro da justiça da França, onde foi publicado primeiramente, por este acreditar que o suicídio é uma questão íntima de cada um e que ninguém tem o direito de se indispor contra ele, muitas livrarias se recusaram a vendê-lo, e muitas revistas e jornais se recusaram a discuti-lo.

Segundo Sampaio e Boemer (2000):

Atualmente o ato suicida tem como característica ser clandestino, ou seja, sem testemunhos, dissimulado, ocorrendo como se estivesse transgredindo regras expressas por nossa sociedade capitalista na qual a morte é banida, não enfrentada e evitada. O suicida, de certa

forma, ainda é compreendido como um transgressor, porém, de regras legitimadas pela cultura social. Ameaça o sentimento de onipotência humana que não aceita a possibilidade da morte e vive a cultura da vida. A negação da vida e a busca da morte, expressas no ato suicida, significam o rompimento do tabu em torno da morte. (Sampaio e Boemer, 2000, p.327).

No Brasil, o artigo 122 do Código Penal prevê punição para aquele que conduz alguém ao suicídio ou colabora com ele. O suicida não é punido pela lei, mas recebe o estigma de doente. O suicida está fora da lei, o que torna o seu livre arbítrio relativo (Dias, 1991)

Suicídio é particularmente uma maneira terrível de se morrer: o sofrimento mental que conduz a essa decisão é normalmente prolongado, intenso e irreparável. Não existe nenhuma mofina equivalente para aliviar a dor aguda, e a morte normalmente violenta e terrível. O sofrimento do suicida é privado e inexpressível, faz com que os membros da família, amigos e colegas lidem com um tipo de sentimento quase incompreensível de perda, assim como de culpa. Suicídio resulta num nível de confusão e devastação que vai, na maior parte, além da descrição dos fatos. (Jamison *apud* Karina, 2005, p.21).

Suicidar-se é definido no dicionário Aurélio (2004) como: “1. Dar a morte a si próprio. 2. Arruinar-se por culpa de si mesmo. Perder-se”. Percebe-se que inclusive um dos dicionários de referência no Brasil não tem uma compreensão mais ampla e aprofundada do fenômeno do suicídio.

Segundo Viera *et al* (2009) o suicídio é definido como “ato intencional de tirar a própria vida, iniciado e levado a cabo, por uma pessoa com conhecimento a ou expectativa desse resultado fatal. Dias (1991) entende por suicídio “a morte que alguém provoca a si próprio de forma consciente, deliberada e intencional”. Durkheim (2004), em seu livro “O suicídio – estudo de sociologia” dedicado integralmente ao fenômeno do suicídio, define-o como: “(...) todo o caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela saiba que produziria esse resultado”. Durkheim considera o suicídio e a tentativa de suicídio equivalentes: “a tentativa é o ato assim definido interrompido antes que dele resulte a morte”.

Medard Boss, em seu texto “Flight from Death – Mere survival and Flight into Death – Suicide”¹, publicado no livro “Between Survival and Suicide”, fala sobre duas

¹ Vôo da morte – mera sobrevivência e Vôo para a morte – suicídio - (tradução livre).

maneiras de se morrer: a mera sobrevivência, que para ele pode ser caracterizada como um suicídio parcial, e o suicídio. Segundo ele:

We merely survive and no longer exist in the sense that distinguishes human existence. We do not even notice that this mode of survival is the same as a partial suicide. Nevertheless, there is no doubt that human existence is truncated when it buries its most authentic possibility, its mortality, and flees from facing it.

The worst of it is, is that those who flee from a binding knowledge of their mortality and mutilate their proper and full existence to a mere vegetable survival, undertake their flight on their own initiative, after deciding that they want it. (BOSS, 1976, p.9).²

Já sobre o suicídio, Boss (1976) afirma:

Suicide, in the usual sense of the word, differs from the existential partial suicides, in that the partial suicide is the denial of being mortal, while the suicide is the full flight from complete existence. Suicide extends the mutilation of their Dasein to encompass their bodylines, and so carry their flight to the point of total annihilation. (BOSS, 1976, p. 10).³

Boss divide o suicídio em suicídio existencial, que em sua visão é um suicídio parcial, e o suicídio por completo, onde se extingue tanto o Dasein como a corporeidade. Ele afirma que praticamente todos os suicídios ou tentativas de suicídio, são precedidas de um suicídio existencial parcial (Boss, 1976): “The existential partial suicide, which practically always precedes a total suicide, consists of the person (whether Young or old) seeing himself as robbed of the potential of carrying to fulfillment all of the fundamental possibilities of relating that make up his nature.” (p.11).⁴

Sobre o suicídio total, Boss (1976) observa:

The person who commits suicide radically annihilates his Dasein in order to burst the constricting limits of his existence; but he chooses exactly the wrong means. He destroys the bodily structure of his

² “Nos meramente sobrevivemos e não mais existimos no sentido que distingue a existência humana. Nós nem percebemos que esse modo de sobrevivência é o mesmo que um suicídio parcial. Entretanto, não há dúvidas de que a existência humana está truncada quando se enterra sua mais autêntica possibilidade, a mortalidade, e foge de enfrentá-la.

O pior disso é que aqueles que fogem do conhecimento obrigatório de sua mortalidade e mutilam sua própria e completa existência em uma mera sobrevivência vegetativa, comprometem seu vó com sua própria iniciativa, depois de decidir que querem isso.” – (tradução livre).

³ “Suicídio, no sentido usual da palavra, diferencia do suicídio existencial parcial, onde o suicídio parcial é a negação da mortalidade, enquanto suicídio é o pleno vó da completa existência. O suicídio entende a mutilação de seu Dasein e engloba sua corporeidade, o que os leva a um vó para a aniquilação total.” – (tradução livre).

⁴ “O suicídio existencial parcial, que praticamente sempre precede o suicídio total, consiste na pessoa (seja tanto jovem como velha) se vendo roubada do potencial de completar todas as possibilidades fundamentais de relação, que compõem sua natureza.” (tradução livre)

existence, instead of striving for redeeming expansion and fullness of his previously shattered relations to his world and fellow human beings. He does not only not strive for such freedom, but actually robs himself of each and every future possibility of maturing by his total self-destruction. (Boss, 1976, p.12).⁵

Para a fenomenologia, o indivíduo é um ser de possibilidades, que escolhe, e pode escolher vários caminhos. Os caminhos são construídos pelas escolhas que faz. Essa condição torna o viver humano um constante angustiar-se, já que está sempre imerso em inúmeras possibilidades (Heidegger, 1987). A morte é libertadora porque, liberta o Ser-ai da servidão às preocupações mesquinhas que ameaçam submergir a própria existência autêntica (Boemer, 1989).

O ato suicida priva o ser-para-morte em seu curso natural. Ocorre quando o ser, em sua situacionalidade, vê uma única possibilidade: a de não-poder-ser e, assim, busca como alternativa o não ser-mais-ser-ai, o que põe fim à angústia diante de uma existência sem sentido, aos seus olhos. O não ser-mais-ai por meio do suicídio, é vislumbrado pelo ser-ai como possibilidade de por fim a uma situação existencial para a qual não vê outras possibilidades. O suicídio emerge, então, uma como alternativa de renúncia à vida vazia em seu vir-a-ser. Sob essa ótica, o ser-suicida pode ser apreendido em seu existir como tal. (Sampaio; Boemer, 2000).

O homem, enquanto ser-ai (Dasein), é um ente cujo Ser é um ser-para-a-morte. Sua única certeza é a morte, a finitude de sua existência. O resto são possibilidades. A grande angústia existencial do homem é conviver com esta certeza: saber que vai morrer e que vai deixar uma história (Sampaio e Boemer, 2000).

Segundo Campos (2008), o suicida não vê outras possibilidades que poderiam estar mudando a situação, não faz uma existência autêntica. Para ele, o que importa apenas é acabar com a situação que não está mais sustentável. O seu projeto de existência está na sua destruição, o de não mais existir. Ele escolhe tal situação pois é um ser livre para escolher.

Para Sampaio e Boemer (2000): “o não-ser-mais-ai através do suicídio é vislumbrado pelo ser-ai enquanto possibilidade de por fim à uma situação existencial na qual não vê outras possibilidades. O suicídio emerge então, enquanto uma alternativa de renúncia à vida vazia em seu vir-a-ser”.

⁵ “A pessoa que comete suicídio aniquila radicalmente seu dasein para romper a constrição de limites de sua existência; mas ele escolhe exatamente os meios errados. Ele destrói a estrutura corpórea de sua existência, em vez de lutar para resgatar a expansão e a plenitude das suas relações anteriormente despedaçadas com o mundo e os seres humanos. Ele não apenas não luta por essa liberdade, mas também rouba a si mesmo de cada futura possibilidade de vencimento pela sua total auto destruição.” – (tradução livre)

O livro “Os sofrimentos do Jovem Werther” (Goethe, 1999), conta a história de um jovem burguês, que se muda de cidade, e conhece Charlotte, a quem chama carinhosamente de Lotte e por quem se apaixona perdidamente. Sua vida torna-se então um tormento, pois a jovem está noiva e seu amor é impossível e proibido, o que lhe causa muito sofrimento. Com o passar do tempo a paixão aumenta cada vez mais, assim como seu sofrimento por não poder tê-la e amá-la livremente, o que resulta em seu suicídio.

O livro é contado por meio de cartas escritas por Werther para seu amigo Wilhelm e, ao final, as notícias sobre o desfecho de sua história que culminou em seu suicídio, foram resultado de uma pesquisa feita pelo narrador.

O livro escrito por Wolfgang Goethe causou grande impacto e polêmica. Após sua publicação em 1774, houve uma grande onda de suicídios, o que obrigou o autor a introduzir a seguinte advertência: “Seja homem e não me siga”.

Tal nota adicionada por Goethe reflete todo o estigma e recriminação diante do suicídio, que continua sendo um dos maiores tabus da sociedade moderna. Como alguém põe fim à própria vida? O que o leva a fazer isso? O presente estudo procura compreender o suicídio por uma visão fenomenológica, a partir dos relatos e confissões feitos por Werther em suas cartas para seu grande amigo Wilhelm.

METODO

“Por que Fenomenologia? O termo significa estudo dos fenômenos, isto é, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado. Trata-se de explorar este dado, a própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o uno com o Eu para quem é fenômeno” (Loyotard apud Moreira, 2002, p. 68).

O termo fenomenologia deriva de duas palavras de origem grega: *phainomenon*, que significa aquilo que se mostra a partir de si mesmo, e *logos*, que quer dizer ciência ou estudo. Portanto, etimologicamente, a fenomenologia é o estudo do fenômeno, sendo que, segundo Moreira (2002), por fenômeno entende-se tudo o que aparece, que se manifesta ou se revela por si mesmo.

Para Husserl⁶, que é considerado o idealizador da fenomenologia, esta era uma forma totalmente nova de fazer filosofia, deixando de lado especulações metafísicas abstratas e entrando em contato com as “próprias coisas”, dando destaque a experiência vivida. Com isso, a fenomenologia deveria proporcionar um método filosófico que fosse livre de todas as pressuposições que pudesse ter aquele que refletisse; descreveria os fenômenos enfocando exclusivamente a eles, deixando de lado questões sobre suas origens causais e sua natureza fora do próprio ato da consciência (Moreira, 2002).

Husserl considera como fenômeno, todas as formas pelas quais as coisas são dadas à consciência. Segundo Moreira (2002), dado qualquer objeto no mundo ao nosso redor, objeto esse que nós percebemos através dos sentidos, fenômeno é a percepção desses objetos que se torna visível à nossa consciência.

“O que aparece na consciência é o fenômeno. (...) este significa trazer a luz, colocar sob iluminação, mostrar-se a si mesmo em si mesmo, a totalidade do que se mostra diante de nos. (...) Os fenômenos são os blocos básicos da ciência humana e a base para todo o conhecimento. Qualquer fenômeno representa um ponto de partida desejável para uma investigação” (Moustakas apud Moreira, 2002)

⁶ Husserl (1859 – 1938) foi um importante filósofo, considerado o fundador da fenomenologia. Seu princípio metodológico fundamental era o que chamou de “redução fenomenológica”. Preocupava-se com a experiência básica da consciência, não interpretada, e a questão do que é a essência das coisas, a “redução eidética”. Este foi o antecessor de Heidegger, apesar deste ter seguido um caminho diferente em sua fenomenologia.

“A interpretação fenomenológica não expressa senão o que, sob seu ponto de vista, não é mais que o óbvio, no caso: *um* ponto de vista é apenas um ponto de vista; *uma* perspectiva é apenas uma perspectiva entre outras.” (Critelli, p. 12)

Segundo Dulce Critelli (2006), a fenomenologia põe em questão a crença da metafísica na unicidade da verdade e na busca de uma perspectiva de conhecimento que seja absoluta, e com isso, põe em questão a redefinição do que é uma perspectiva epistêmica, de que se trata e o que a compõe. Nesta discussão, a fenomenologia parte do pressuposto de que a perspectiva do conhecer e a verdade que este alcança não podem, senão, ser relativas ao fenômeno.

“O reconhecimento da *relatividade da perspectiva* é, simultânea e necessariamente, o reconhecimento da *relatividade da verdade*” (Critelli, p. 13). Do ponto de vista fenomenológico, a relatividade da perspectiva a do saber e da verdade do ser abre-se como ponto inseguro, mas próprio do existir (ser). Para a metafísica, o conhecimento é resultado de uma superação da insegurança do existir. Para a fenomenologia, é exatamente a aceitação dessa insegurança que permite o conhecimento.

Segundo Critelli (2006), com isso podemos entender que enquanto a metafísica instaura a possibilidade do conhecimento sobre a segurança da precisão metodológica do conceito, a fenomenologia o instaura sobre a angústia. Enquanto a metafísica fala de forma lógica do ser, a fenomenologia fala dos modos infundáveis de se ser.

Por esta razão, a relatividade, para a fenomenologia, não é vista como um problema a ser superado, mas como uma condição que os entes tem de se manifestarem: no horizonte do tempo e não do intelecto, e em seu incessante movimento de mostrar-se e ocultar-se. A relatividade diz respeito à provisoriade das condições em que tudo o que é vem a ser e permanece sendo. (Critelli, 2006)

“Dasein’ é o modo de Heidegger referir-se tanto ao ser humano como a o tipo de ser que os seres humanos têm. Vem do verbo *dasein*, que significa “existir” ou “estar ai, estar aqui” (Inwood, 2000, pg. 33). Dasein, em alemão, significa ser-ai. A característica básica do Dasein é a sua abertura para perceber e responder a tudo aquilo que esta em sua presença. Segundo Sodelli (2007), “Dasein é o homem compreendido como o ser-existindo-ai, Dasein é sempre uma possibilidade na qual se encontra como uma abertura para a experiência” (Sodelli, 2007).

Segundo Dubois (2005) a essência do Dasein esta em sua existência. Toda “determinação” do Dasein é, para ele , aquilo que ele deve, no sentido transitivo, ser. Não se trata portanto para ele, justamente, de uma “determinação”, mas de um possível de si mesmo, que ele deve tomar em seu encargo, sustentar, que ele tem de ser. Heidegger diz:

“A “essência” do Dasein esta em sua existência. As características que se podem extrair deste ente não são, portanto, “propriedades” simplesmente dadas de um ente simplesmente dado que possui esta ou aquela “configuração”. As características constitutivas do Dasein são sempre modos possíveis de ser e somente isso. Toda modalidade de ser deste ente é primordialmente ser. Por isso, o termo “Dasein”, reservado para designá-lo, não exprime a sua quiddidade como mesa, casa, árvore, mas sim o ser” (Heidegger, 1986, pg. 85)

Segundo Feijoo (2011), Heidegger descreve o ser-ai, desde o principio, como um ser capaz de interrogar o ser, como o ente privilegiado tato ôntica, quanto ontologicamente. Apenas o Dasein faz a pergunta “O que é o Ser?”, e nesse sentido, também é o único que questiona o sentido de ser.

O presente estudo buscará compreender o fenômeno do suicídio a luz da teoria fenomenológica, onde será feita uma pesquisa sobre o tema na literatura já publicada.

Para ilustrar as questões do suicídio, será analisado, a partir da fenomenologia, a obra literária “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, escrito por Johann Wolfgang Von Goethe no ano de 1774. O livro é estruturado em forma de uma compilação de cartas de Werther para seu grande amigo Wilhelm, onde fala aberta e diretamente sobre seus sentimentos, vivencias e sofrimentos.

“(…) toda obra de arte como lugar da verdade diz respeito ao lugar do humano como obra-de-arte, isto é, como desvelar humano.” (Heidegger, int. pg. 20)

Segundo Heidegger, “a linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. Os pensadores e poetas lhe servem de vigias. Sua vigília [desvelo] é consuma a manifestação do Ser, porquanto, por seu dizer, a tornam linguagem e a conservam [aufbewahren] na linguagem” (pg. 23).

Nesse sentido, Heidegger (2010) acredita que “todo o esforço do pensador em pensar a referencia do ser da obra de arte e do ser da arte, encontra na referencia da essência humana e do ser o seu horizonte de tentativa de compreensão” (Heidegger, 2010 p. 20).

Heidegger (2010) afirma que “(…) a compreensão da arte como verdade do ser significa, por seu lado, a compreensão desta como acontecer poético-apropriante. Arte, originalmente, é sempre acontecer poético-apropriante como verdade do sentido do ser” (int. pg, XXIV).

Por esta razão, este trabalho buscara analisar fenomenologicamente os sofrimentos e questões relatados por Werther em forma de cartas para seu amigo Wilhelm, para tentar compreender os porquês de seu suicídio.

Portanto, a escolha de uma obra de arte, no caso arte literária, para a compreensão de tal fenômeno, se dá pois, segundo Heidegger, “a obra como obra é elaboradora em sua essência” (2010 pg. 113).

Assim pretende-se realizar a compreensão dessa obra a partir de um olhar para a questão dentro da perspectiva filosófica-clínica como os famosos estudos de caso de fenomenólogos que se dedicaram a pessoas que passaram pela tentativa de suicídio. Bem como uma tentativa de uma hermenêutica do *Jovem Werther* que junto a esses casos clássicos fornecerá subsídios para nos aproximarmos do fenômeno por ele mesmo.

SENTIDOS PARA O SUICÍDIO: Compreensão de alguns casos clássicos na história clínica fenomenológica

“(...) o Dasein é o único ser que sabe da sua finitude, de que um dia sua vida vai terminar, de que ele é um ser mortal. Desde o princípio, o Dasein está predeterminado pelo seu fim. O homem sabe que um dia virá em que ele não mais “será” ou “existirá”. Para a fenomenologia existencial, esta diferença marca um modo distinto do homem estar no mundo, muito diferente dos outros entes, uma vez que é o único ser que tem de conviver com o seu-ser-para-a-morte e é livre para realizar uma opção entre viver e morrer” (Sodelli, 2007).

A morte é uma questão humana. Esta delimita nossa existência, tanto no sentido de mostrar que esta é finita e portanto uma hora acabará, quanto de delimitar uma noção de futuro, onde sabemos que esta virá certamente, cedo ou tarde. Segundo Siqueira (2002), Heidegger afirma que quando o homem olha para o futuro, ele vislumbra a única possibilidade que é certa: a possibilidade de não-mais-ser-ai. Dessa forma, o não-ser passa a ser parte importante da constituição do indivíduo, enquanto o ser-ai passa a adquirir presente, passado e futuro e a fazer sua história.

Alem disso, a morte é uma questão misteriosa para os seres humanos. Não se sabe o que acontece após ela, ou se acontece. Este desconhecimento gera o sentimento de medo em muitos, que temem o seu momento de mergulhar para este desconhecido. Também não sabemos necessariamente como esta virá. Pode ser na velhice, de causas naturais, pode ser na juventude, em um acidente de automóvel ou na idade adulta de uma doença terminal. A morte é imprevisível, a menos que você decida tirar sua própria vida. Esse é o suicídio.

Segundo Sodelli (2007), o homem possui duas condições ontológicas fundamentais: ser mortal e ser livre. É em sua condição de ser livre, que o ser humano pode tirar a própria vida. Tal fenômeno, considerado polemico por muitos, já foi diversas vezes abordado pela psicologia.

Dentre os casos que utilizaremos para ilustrar tal fenômeno, foram escolhidos 3 dos mais famosos, e que foram analisados de uma perspectiva fenomenológica, e que podem contribuir para uma compreensão das vivências de Werther e demonstrar algumas possibilidades de compreensão da fenomenologia sobre o suicídio.

Dra. Cobling foi um caso de Medard Boss (2002). Sua paciente cresceu na atmosfera de uma comunidade rigorosamente ascética e com excessiva preocupação com a mortificação da carne e com tudo o que ela se relacionava, assim como a valorização do ilimitado sacrifício ao dever. Era excepcionalmente inteligente, e devido sua grande vontade e dedicação, chegara à direção medica de um importante sanatório psiquiátrico. Dedicava-se por completo a instituição, sempre se sacrificando, e se desgastando a ponto de aos 36 anos estar a beira de um colapso.

Durante sua juventude sofrera crises depressivas de longa duração, das quais passara sem nenhuma assistência externa. Um ano antes do inicio da analise perdera seu pai, e a partir daí começou a piorar de forma evidente. Segundo Boss: “sua vida interior sofreu também um extremo empobrecimento: tornou-se incapaz de qualquer tipo de sentimento, ate chegar a uma espécie de petrificação espiritual, não conseguia mais pensar, era incapaz de reter ou captar o que lia, perdeu toda iniciativa e capacidade de concentração, podendo ficar horas a fio fitando fixamente o espaço, vazia de pensamento e fora de qualquer noção de tempo” (Boss, 1999). Sua paciente também evidenciava um alto nível de ansiedade.

Segundo Boss, “(...) uma estranha compulsão ao suicídio dominava-a tornando-se quase irresistível devido a insistência da idéia. Esta começou a analise em um estado pré-psicótico altamente precario. Quando começou a analise, o mero esforço exigido para dominar os impulsos autodestrutivos tinham exaurido tanto a sua força física que ela mal podia andar”.

O tratamento da Dra. Cobling foi longo, e muitas vezes ela expressava as imagens que vinham a sua cabeça por consequência de alucinações através de desenhos. Estes começaram com beatas, as quais eram companheiras de sua mãe em sua infância. Passou também a prestar mais atenção nos sons como “presságios ameaçadores de um desastre iminente”. Segundo a paciente: “eu não consigo fazer mais nada, a não ser escutar ansiosamente cada som ate que ele tenha sumido”.

A principio o psiquiatra achou que conseguiria falar racionalmente com sua inteligentíssima paciente. Porem, esta contestava com bastante fundamento tudo que seu terapeuta dizia. Diante do fracasso da sua interpretações fisiológicas, e a tentativa de usar “a psicologia pura”, o medico abandonou as psicologias tradicionais e buscou ver a paciente em si. Isto só foi possível seu contato com a Daseinsanálise. A partir de então, os desenhos da paciente começaram a ocupar um lugar mais importante de seu pensamento.

A partir disso, o terapeuta foi observando os desenhos, prestando atenção no que neles apareciam e a partir disso elaborava questões reflexivas para a paciente. Segundo ele: “é necessário considerar o conteúdo significativo pleno de tudo o que se

desvela para nos”. Com o passar do tratamento, os desenhos bidimensionais foram dando lugar a modelagens tridimensionais, e o tratamento prosseguiu, até a melhora de Cöbling.

Um outro caso envolvendo tentativas de suicídio na Fenomenologia, é o caso Peter, de Uta Jaenicke (1977). Uta conheceu Peter quando este tinha 16 anos, enquanto estava em uma clínica psiquiátrica, em estado psicótico agudo, após ter tentado se suicidar. Segundo ela, ele “estava confuso, com alucinações óticas e acústicas e entrava em estado de agitação nos quais vociferava, se enfurecia e tentava suicidar-se de forma brutal, tentando se enforcar com seu casaco e enfiando uma colher em sua garganta”

Isso tudo girava em torno de seu relacionamento com Brian Jones, guitarrista dos Rolling Stones, que se suicidou aos 27 anos com uma overdose. Brian era uma espécie de Deus para Peter, que o vivenciava e tinha a sensação de fazer parte dele. neste período, Peter variava entre infantil, sonhador e dependente para sombrio, teimoso e fechado. Peter permaneceu por muito tempo na clínica, não só pela sua dependência com Brian, mas pela sua incapacidade de se afirmar como pessoa independente, e essa incapacidade era ameaçadora principalmente por sua tendência ao suicídio e dependência a drogas. Peter era instável em todos os sentidos.

Sua infância foi marcada por medo, solidão e decepção e um grande número de tentativas frustradas de fugir desses sofrimentos que culminaram na tentativa de suicídio e na psicose. Em sua família (mais especificamente na parte do pai) há havia tido alguns casos de suicídio e desequilíbrio. Seu pai era um homem difícil, autoritário e dominador, enquanto sua mãe era uma mulher frágil e problemática.

Aos 13 anos Peter já buscava refugio nas drogas, como o álcool e as “bolinhas”, e seu interesse por Brian crescia a cada dia. Com a morte de Brian, Peter começou a se identificar cada vez mais com seu ídolo e tentar imitá-lo totalmente. Passou a vaguear por bares e a usar todos os tipos de drogas. Tentava pensar e sentir como Brian, enquanto em sua casa vivia o extremo do isolamento.

Para Uta, as tentativas e ameaças de suicídio de Peter se relacionavam diretamente com sua identificação com Brian, e seu prognóstico era considerado bem negativo. Devido sua instabilidade, tentativas de suicídio e dependência em drogas, Peter era um paciente que exigia muitos cuidados.

Seu relacionamento com Uta durou cerca de 3 anos. Ela conta que a princípio achou contra indicado um tratamento analítico tradicional, por considerar Peter muito frágil para tal. Por isso, não insistiu em deitá-lo no divã e na total franqueza, focando-se apenas em cumprir rigorosamente as horas marcadas e evitar contato físico.

Segundo Uta, para Peter, ela era como um rival de Brian e ele se sentia dividido entre duas forças. Quando se sentia mais ligado a ela, era um rapaz carinhoso, afeiçoado e que através dela se sentia impelido e forçado a enfrentar o mundo real. Porém, quando se sentia mais ligado a Brian, fugia desse mundo real. Com o tempo, Uta foi ocupando temporariamente o lugar de Brian.

Suas fugas para junto de Brian aconteciam especialmente quando Uta o repelia devido seus desejos eróticos por ela. Segundo ela “desejava (Peter) demais a nossa fusão total. Queria me devorar, ser meu cão, meu filho, meu marido e ser sepultado a meu lado”.

“Por fim cheguei a conclusão de que não poderia resguardá-lo do suicídio se ele mesmo também na tivesse forças para viver e que eu tinha que correr esse risco. Minha atitude diferente facilitou-me a tarefa e teve também um efeito positivo sobre Peter, que mostrou-se muito mais forte e confiante do que todos nos havíamos julgado” (Uta, 1977). A partir de então, o tratamento foi progredindo.

O caso mais famoso de suicídio na fenomenologia, porém, é o caso Ellen West. O caso de Binswanger (1977) é polemico e de grande debate, em diversas abordagens e linhas teóricas. Ellen era uma menina considerada estranha por seus familiares. Em sua família, na família de seu pai houveram duas mortes por suicídio, e um histórico de doença mental.

Aos 9 meses de idade, Ellen começou a recusar o leite. Segundo seus pais, era uma criança vivaz, porém teimosa. Quando criança, havia dias em que tudo lhe parecia vazio. Sofria com uma pressão que ela mesma não entendia. O último período em sua vida que conseguiu alimentar-se normalmente foi aos 20 anos. Nesse período, fez uma viagem a Sicília, onde conhece um estudante, que começa a namorar. Mas seu relacionamento dura pouco, pois ela rompe o namoro a pedido dos pais.

Enquanto estava na Sicília, ficou com o apetite voraz e começou a ganhar muito peso, sofrendo chacota de suas amigas. A partir de então, começou a passar fome e fazer exageradas caminhadas. Mesmo quando aqueles que a acompanhavam paravam, ela continuava a andar em círculos. Com isso, acabou ficando com uma aparência magra e ruim.

Ellen se torturava permanentemente com a idéia de estar gorda, queixando-se em seu diário que não se sente em casa em lugar nenhum e de não ter paz. Sente-se sem valor e utilidade, e tem medo de tudo. “Eu me desprezo” dizia ela.

Com o tempo, a morte não lhe parece mais tão terrível. Esta, é a única coisa que ainda a atrai. Sente que a cada dia fica mais gorda, feia e velha. Esta apática. Tudo lhe é indiferente, não sente alegria nem medo. Segundo palavras de seu diário: “A morte é a maior dádiva da vida, senão a única. Sem a esperança de um fim, a

existência seria insuportável. Apenas a certeza de que cedo ou tarde o fim virá me consolar um pouco”.

Ellen deseja fazer algo grandioso. Passa a ocupar seu tempo instalando salas de leitura para crianças, porém sente profundo ódio de todo o luxo e a vida farta que a rodeia. No outono do ano em que completa 23 anos, ela “sucumbe”. Nesta mesma época teve uma desilusão amorosa com um professor de equitação e continua controlando seu peso, limitando a ingestão de alimento sempre que ameaça a ganhar peso.

Paralelamente a seu medo de engordar surge uma ânsia elevada por comida, principalmente doces, que se torna mais forte a cada vez que ela fica nervosa e cansada por ter estado com outras pessoas. A comida começa a satisfazê-la apenas quando está sozinha, e não quando está na companhia de outras pessoas, e por isso, passa a fazer as refeições sozinha.

No início de seus 24 anos, começou a frequentar a faculdade. Esta é, segundo ela, a época mais feliz de sua vida. Começa a ter um caso amoroso com um estudante. Ela está entusiasmada com os estudos e a vida de estudante. Porém, nem nesse período consegue ficar sozinha (ela sempre acompanhada por sua baba de infância) e se livrar de sua “idéia fixa” com seu peso.

O seu relacionamento com o estudante virou noivado, mas seus pais exigiram uma separação temporária, para uma viagem. Ela vai a uma estação de águas, onde surge uma forte depressão. Faz de tudo para manter-se o mais magra possível, fazendo longas caminhadas e tomando laxantes. Com saudade de seu noivo, pede a seus pais para voltar para casa. Continua a “torturar” seu corpo, mas sente-se emocionalmente apaziguada por estar magra, e tem a impressão de ter achado a chave para seu bem estar.

Ao completar 25 anos de idade faz mais uma viagem para fora do continente, e lá um médico constata o “mal de Basedow”, o que lhe faz permanecer em repouso absoluto por 6 semanas, fazendo com que ganhe peso novamente. Pouco depois, seu noivado é rompido. Com esses acontecimentos, ela é mandada a um sanatório, onde passar um tempo, e em seguida para uma escola de jardinagem. Na época seu humor estava depressivo, porém sua aparência física era totalmente saudável. Perde o interesse em jardinagem e interrompe o curso. Volta a tentar reduzir seu peso por meio de muito exercício e pouco alimento.

Começa então a se aproximar cada vez mais de um primo o qual mantinha amizade há anos. Fazem longas caminhadas juntos. Ellen também faz ginástica com muito empenho, e trabalha em um lar de crianças próximo a sua casa. Passa a desejar uma profissão de verdade. Ela então desenvolve um caso amoroso com seu

primo, e sua idéia fixa de emagrecer, apesar de ainda presente, não a domina mais como antes.

Aos 28 anos casa-se com seu primo. Antes disso, faz vários cursos e viagens, e a pedido de seus pais e seu noivo, visita conceituados “médicos dos nervos”. Fazia longos passeios e se sentia triste ao olhar-se no espelho, odiava seu corpo e muitas vezes se batia por isso. Ellen tinha a esperança de livrar-se dessa idéia fixa ao casar-se, mas isso não aconteceu.

Por volta de seu vigésimo nono aniversário, tem um forte sangramento pélvico durante uma longa caminhada com seu marido, da qual ainda precisava caminhar mais 3 horas para chegar em casa. Examinada por um médico, esse constatou um aborto, e lhe recomendou uma boa alimentação para a possibilidade de uma nova gravidez.

Ellen passa então a oscilar entre o desejo de ter um filho e o medo de engordar. Trabalha dedicadamente em projetos sociais, vai ao teatro e lê bastante. Encontra-se mais estável, porém, quando descobre que engordara 2 kgs em uma semana, rompe em lagrima, e não encontra paz por um longo tempo. Assim que um médico lhe diz que boa alimentação não é um pré-requisito para a gravidez, volta com o seu hábito de ingerir grandes doses de fortes laxantes.

Aos 30 anos, Ellen está mais ativa socialmente, porém piora de forma intencional a sua alimentação, tornando-se vegetariana. Aos 31 há uma grande deterioração de suas forças. Ellen continua fazendo seu trabalho, porém não tem mais forças para nada além disso. Até suas caminhadas foram interrompidas. Passou a dormir 12 horas por dia e aumentou a ingestão de laxantes. Parece envelhecida, mas por pensar que havia encontrado nos laxantes um mecanismo eficaz contra o aumento de peso, não estava depressiva.

Em uma caminhada, confessa a seu marido que vive na condição de ser magra. Acredita dopar-se por meio do trabalho, e troca seu trabalho voluntário por um remunerado de 7 horas por dia em um escritório. Sua alimentação piorou, e Ellen passou a pesar 47kg. Ocupava-se com tabelas de calorias e receitas de pratos diversos. Exigia que todos a sua volta se alimentassem bem, enquanto se privava de alimento.

Junto a seu marido, procurou um sanatório. Lá, engordou 10kg, porém, quando seu marido partiu, voltou a enganar os médicos jogando a comida em sua bolsa no lugar de comê-la, e escondendo pesinhos em sua roupa nos momentos de se pesar.

Ellen passa a tomar de 60 a 70 comprimidos de laxante por dia, pesando 42kg e ficando cada vez mais magra e incapacitada. Reconhece que a muito está dominada por esta ideia fixa, porém seu estado emocional é alegre e tem satisfação no fato dos

outros se preocuparem com ela. Nesse período Ellen desenvolveu uma compulsão por pensar em comida o tempo todo.

Aos 33 anos, Ellen parou a análise psicanalítica que começara pouco antes, por questões aquém de sua vontade. Com isso, sua alimentação torna-se ainda mais irregular. Passa a pular refeições inteiras, e depois atira-se com voracidade em qualquer alimento que encontra pela frente.

Diante de uma grande piora de seu estado, vai consultar-se com um clínico, que a mantém internada. Certo dia, quando deixada sozinha por seu marido por exigência médica, Ellen tenta o suicídio, ingerindo 56 capsulas de Somnocetim, o qual grande parte acaba vomitando durante a noite. Segundo ela, esta semana e as que se seguiram foram as piores de sua vida. Até em seus sonhos dizia pensar em comida. Com isso, seu marido volta a ficar a seu lado na clínica.

Pouco depois, tenta pela segunda vez o suicídio, tomando 20 cápsulas de Smnocetim, no dia seguinte, passa o dia inteiro chorando e gemendo, recusando-se a ingerir qualquer tipo de alimento, e avisando que a qualquer descuido dos médicos que a vigiavam, ela iria se matar. Em seu diário, escreve: “eu continuo viva só por um senso de dever diante de meus parentes. A vida nada mais tem de atrante para mim. Para onde eu olhe, não vejo nada que me de alento. Tudo parece cinzento e sem prazer. Desde que enterrei a mim mesma e não consigo mais amar. O fato de estar viva é uma tortura. Cada hora é uma tortura”.

Ellen tenta se matar mais algumas vezes, até ser transferida para a clínica Bellevue, onde é atendida por médicos supervisionados por Binswanger. Com uma dieta estabelecida, e medicamentos, pouco a pouco ela vai se recuperando fisicamente, porém, continua com a sensação de temor. Vai ganhando peso no hospital, o que a faz confrontar a idéia de estar ficando obesa, o que resulta em novas tentativas de suicídio, fazendo com que sua vigilância se torne permanente. Mesmo com a vigilância constante, Ellen volta a burlar os médicos tomando laxante escondidas.

Não respondendo direito ao tratamento, e muito infeliz, Ellen volta para casa. Ela se sente segura e recuperada ao tomar essa decisão. Na viagem de volta, mostrou-se animada, mas pouco depois voltou a sentir com força seus sintomas, considerando-se incapaz de controlá-los.

No terceiro dia após deixar o clínica, Ellen come a ponto de ficar satisfeita no almoço, o que não acontecia a anos. Come ovos de páscoa no café da tarde e faz um animado passeio com seu marido, com um ótimo humor. Sua doença parece ter ido embora. Escreve algumas cartas e a noite, toma uma dose mortal de veneno, e na

manhã seguinte esta morta, “aparentando como nunca havia estado na vida: tranqüila, feliz e pacífica”.

ANALISE DO LIVRO

O presente capítulo se propõe a fazer uma análise do livro *Os sofrimentos do Jovem Werther*, que conta a história do jovem na forma de cartas escritas e destinadas a seu amigo Wilhelm e sobre seus pensamentos e sentimentos, e que foram posteriormente compiladas após sua morte, assim como alguns bilhetes e cartas não enviadas e depois recuperadas, de maneira a contar sua história.

Em uma breve apresentação de sua história, seguindo uma ordem cronológica, serão extraídos das cartas de Werther a seu amigo e confidente, trechos que possam contribuir para a compreensão de suas vivências, e depois fragmentá-los de maneira a formar núcleos de sentidos para tentar compreender os motivos e fenômenos que o fizeram caminhar a para esta direção, o suicídio.

O livro, obra clássica que compõe o movimento Sturm und Drang (*Tempestade e Ímpeto*), que precedeu e influenciou o Romantismo, fora escrito por Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832), e fora publicado pela primeira vez em 1774 e relançado após algumas revisões em 1787, sendo esta considerada sua versão definitiva.

Mas fora na sua original edição de 1774, que Goethe se vira obrigado a incluir nas edições posteriores a nota “seja homem e não me siga”. Isso se deu porque, após a publicação do livro, houve uma grande identificação dos jovens da época com o protagonista, o que gerou uma enorme onda de suicídios, e obrigou o autor a adicionar tal nota.

“O coração do homem, meu caro amigo, é um mistério indecifrável” (Goethe, 1999, pg. 11). É com essa frase de impacto logo na segunda frase, que Werther inaugura sua carta, no dia 4 de maio de 1771. A primeira carta de muitas (cerca de 78) que contariam sua história.

Nesse período de sua vida, Werther mudara de cidade, deixando sua mãe e seu melhor amigo. Werther comenta também sobre Leonore, mulher que se apaixonara por ele enquanto este se interessava por sua irmã. Werther reconhece que talvez tenha alimentado os sentimentos dela e brincado com sua ingenuidade, mesmo sem a intenção de corresponder a seus sentimentos, e demonstra certa culpa por isso. Porém, mostra-se feliz com a mudança de ares e animado com a nova cidade, dizendo que sente-se bem lá.

“Sinto-me tão feliz, meu caro amigo, ando tão inteiramente absorto no sentimento de uma existência tranqüila, que minha arte sofre com isso” (Goethe, 1999, pg. 13), é o que relata Werther a seu amigo, em sua carta do dia 10 de maio. Fascinado pela nova cidade e a natureza que a circunda e que agora esta em contato, relata um estado de serenidade e tranqüilidade, o que chama de “sentimento de uma existencia tranqüila”. Werther retrata seguidamente a cidade e suas paisagens para seu amigo Wilhelm.

“Precisaria dizer-lhe, meu amigo, a você que sofreu tantas vezes, vendo-me passar da tristeza ao desregramento, e de uma doce melancolia a uma paixão devoradora? Também, trato meu coração como uma criança doente: dou-lhe tudo o que pede. Mas não diga a ninguém: há pessoas que não me compreenderiam” (Goethe, 1999, pg. 14)

Ao longo das cartas, Werther vai se mostrando uma pessoa intensa e sensível. “E, no entanto ser incompreendido é o destino de muitos de nós”, diz ele na carta do dia 17 de maio. Por muitas vezes ao longo de suas cartas, Werther demonstra a sensação de que sua sensibilidade muitas vezes não é compreendida pelas pessoas.

“É comum dizer-se que a vida de um homem não passa de um sonho, e esse sentimento me acompanha sempre. Quando observo os estreitos limites em que se acham encerradas as faculdades ativas e intelectuais do homem; quando vejo que o objetivo de todos os nossos esforços é provar necessidades que por si mesmas não tem outro fim senão prolongar nossa miserável existência, e que por conseqüência toda a nossa tranqüilidade, em certos pontos de nossas buscas, na passa de uma resignação sonhadora, que gozamos pintando de figuras variadas e perspectivas luminosas as quatro paredes que nos fazem prisioneiros: tudo isso, meu amigo, me reduz ao silencio” (Goethe, 1999, pg. 17).

Werther, apesar de se dizer tranqüilo e feliz em seu novo lugar, nunca deixou de questionar a existência.

Ao longo de todas as suas cartas, podemos perceber que Werther questiona não só sua existência, mas também a dos que estão ao seu redor, mostrando que essas são questões importantes para ele, para as quais reflete sempre.

É no dia 16 de Junho que Werther relata: “(...) conheci alguém que me tocou profundamente o coração. Eu... eu... nem sei como dizer” (Goethe, 1999, pg. 23). “Um anjo! Ora! Todos dizem o mesmo da amada, não é verdade? E, contudo, não estou em condições de dizer-lhe como é perfeita: em resumo, cativou-me todo o ser” (Goethe, 1999, pg. 23). É assim que Werther descreve pela primeira vez Charlotte S.,

(...) a pessoa mais amável desse mundo” (Goethe, 1999, pg. 23). Desde seu primeiro relato a Wilhelm, ele mostra-se completamente fascinado por ela, que segundo ele, “(...) meus olhos presenciaram o mais encantador espetáculo de toda a minha vida” (Goethe, 1999, pg 24).

Percebe-se que desde o primeiro instante, Werther ficou encantado por Lotte (como passa a chamar pelo restante de suas cartas), e logo passa a relatar sua impulsiva vontade de vê-la e estar ao seu lado, e ate interrompe a escrita de sua carta a seu amigo para ir visitá-la. Desde o principio porem, Werther fora avisado de que Lotte era noiva de um cavalheiro que estava fora da cidade a negócios, e que iria se casar em breve. Werther, que desde o principio não dera muito valor a esta informação, pareceu esquecer-se desta quando a conheceu.

“Desde então, o sol, a lua e as estrelas podem cumprir suas trajetórias celestes sem que eu distinga quando é dia, quando é noite: o universo desapareceu pra mim” (Goethe, 1999, pg. 32). Este trecho da carta de Werther marca o inicio de sua dependência por ela. Lotte passa a ser seu ponto de referencia, razão pela qual se levanta e vai dormir. Sua paixão por ela é avassaladora, e de maneira que todas as outras coisas, o universo, lhe desapareceram, e agora só tem olhos para ela.

Werther entrega-se completamente a Lotte, e atribui a ela toda a sua felicidade, como diz a seu amigo: “Estou a apenas três quilômetros da casa de Lotte, desfruto de todas as alegrias que podem ser concedidas ao homem” (Goethe, 1999, pg. 32). Sua alegria, passa a ser estar perto de Lotte, estar a seu lado. Não existe para Werther, outra forma de ser feliz que não estando ao seu lado.

“O que Lotte deve ser para um enfermo, sinto-o no meu pobre coração, que sofre mais do que um agonizante em seu leito” (Goethe, 1999, pg. 35) disse Werther, em sua carta do dia 1 de Julho, referindo-se a situação em que uma senhora enferma, prestes a morrer, pede a presença de Lotte, que lhe faz bem. Werther passa a relatar um grande sofrimento, que o agoniza tanto quanto a um enfermo em seu leito. Desta maneira, Lotte é como um remédio, que alivia seu sofrimento com sua presença. Werther passa assim, a criar uma dependência de Lotte, desejando estar a seu lado todo o tempo e sofrendo quando estão distantes.

Após um discurso fervoroso dado por Werther em uma conversa sobre os prazeres da vida, no qual se emocionara demasiadamente, Werther relata:

“No caminho de volta, ela censurou meu entusiasmo demasiado pelas coisas, dizendo-me que, desse modo, eu acabaria doente, asseverando, ainda, que eu deveria poupar-me. Ó, meu anjo: apenas por você quero viver!” (Goethe, 1999, pg. 39)

Neste trecho onde retrata a fala de Lotte, fala essa que expressa preocupação e cuidado dela em relação a ele, e que é significativa para Werther, existem dois pontos importantes nesse trecho retratado por ele.

Nele, fica evidenciado, pela própria Charlotte, que Werther é um homem sensível, e que se entrega demasiadamente. Esta é uma característica sua, que pode ser percebida ao longo de sua história, onde em diversos momentos Werther se emociona em seu discurso e se envolve completamente em seus sentimentos. São comuns as passagens em que relata que lágrimas lhe vieram aos olhos. Werther também diz, ao longo de suas cartas, que se sente incompreendido, principalmente em relação a essa sua grande sensibilidade.

Outro ponto que nos fica claro nessa passagem, é em sua fala: “Ó, meu anjo, apenas por você quero viver!”. Neste trecho evidencia-se Werther passa a atribuir a Lotte, estar em sua companhia e amá-la, o sentido de sua existência. Apenas por ela vale a pena viver, e não há nenhuma outra razão.

“Tínhamos ido a Wahlheim; as moças ocupavam a carruagem; nós, caminhávamos. E durante o passeio, julguei ver nos olhos negros de Lotte... Sou um tolo, perdoe-me! Você precisava ver esses olhos!... Resumindo, porque estou caindo de sono: nós estávamos em volta, o jovem W., Selstadt, Audran e eu. Elas conversavam pela portinhola com esses jovens, que a meu ver são um tanto quanto frívolos. Eu procurava os olhos de Lotte: ai de mim! lam de um para outro; mas nem uma vez me fitaram!... Meu coração chamou-a mil vezes, sem que ela me visse. A carruagem partiu, e uma lágrima umedeceu-me a pálpebra... Acompanhei-a com os olhos; vi Lotte debruçar-se na portinhola; voltava-se pra ver... Quem?... Seria a mim?... Meu amigo, fico nessa incerteza: é o meu consolo. Talvez ela tenha se voltado para ver-me; talvez... Boa noite. Oh! como sou criança!” (Goethe, 1999, pg. 41)

Werther passou a buscar em cada gesto de Lotte, em cada situação, um sinal. Um sinal de que seu amor era correspondido, um sinal de que ela lhe amava também. Como havia dito antes: “trato meu coração como uma criança doente: dou-lhe tudo o que pede” (Goethe, 1999, pg. 17). Werther passa a buscar dar a seu coração aquilo que lhe pede: o amor, a atenção, o carinho de Lotte.

É no dia 13 de Julho que Werther consegue satisfazer seu coração:

“Não, não estou enganado. Leio em seus olhos negros um verdadeiro interesse por mim, por meu destino. Sinto, e quanto a isso ousou acreditar em meu coração, que ela... Oh! poderia,

conseguiria exprimir nestas palavras a felicidade celeste?... Sinto que ela me ama!” (Goethe, 1999, pg. 43)

A partir deste momento, Werther conclui que Lotte o ama. E desde então, passa a alimentar esse sentimento cada vez mais. “Ela me ama, e como minha auto-estima cresceu... Posso lhe confessar, pois saberá me compreender. Subi tanto em meu próprio conceito desde que ela me ama!” (Goethe, 1999, pg.43). O sentimento de que seu amor é correspondido pela mulher ideal, pelo anjo celeste, faz muito bem a Werther. Este encontra-se extremamente feliz por ser merecedor de tal amor.

“Creio em tudo o que se fala sobre o antigo poder mágico da musica. Como me comove essa simples canção! E como ela adivinha o momento exato de tocá-la, sobretudo nos últimos tempos, em que muitas vezes sinto que estou prestes a meter uma bala na cabeça! As trevas e os desenganos de minha alma de dissipam, e volta a respirar livremente” (Goethe, 1999, pg. 44).

Neste trecho, onde falava sobre a melodia que Lotte dedilha no piano, Werther relata pela primeira vez um pensamento suicida. Diz que muitas vezes esta prestes a meter uma bala na cabeça. Porém, ao ouvir a canção que sua amada toca ao piano, esse pensamento passa, e volta a ter paz novamente. Lotte é a única que tem o poder de dissipar as trevas e desenganos de sua alma, e deixá-lo respirar livremente.

“Quando acordo, pela manhã, penso com alegria: vou vê-la; e, então, contemplo o sol resplandecente. Vou vê-la! E durante todo o dia já ao tenho outros desejos. Tudo se absorve nesse pensamento: vou vê-la” (Goethe, 1999, pg. 45). Werther não deseja mais nada que não estar ao lado de Charlotte. Esta é a razão pela qual acorda e pela qual vai dormir. Werther passa a viver para estar em sua companhia, ao seu lado. É o que dá sentido ao seu dia, a sua vida. Lotte torna-se uma espécie de vício para Werther, que não pode mais ficar sem ela. Ele diz:

“Muitas vezes já decidi não vê-la tão continuamente! Mas como posso cumprir tal promessa? Todos os dias cedo a tentação, e digo solenemente: “Amanhã não irei visitá-la”, e quando chega o dia seguinte, encontro um novo e irresistível motivo, e, antes mesmo de poder raciocinar, já estou em sua casa” (Goethe, 1999, pg. 46).

Fica evidenciada aqui, a impulsividade de Werther e a falta de controle sobre seus sentimentos. Não consegue deixar de vê-la, mesmo quando promete a si mesmo, como o fumante que se promete parar de fumar, e no dia seguinte dá um trago em seu cigarro sem nem mesmo perceber que o acendeu.

“Albert chegou, e eu vou partir. Ainda que ele fosse melhor e o mais correto dos homens, a quem eu me reconhecesse inferior sob todos os aspectos, seria insuportável para mim vê-lo possuir tantos encantos... diante de meus olhos.” (Goethe,

1999, pg. 47). No dia 30 de Julho, Werther relata que Albert, noivo de Lotte que estava fora da cidade para negócios voltara. Para Werther, ver sua amada nos braços de outro, mesmo que esse fosse desde o principio seu escolhido, e ele tivesse plena consciência disso, era insuportável.

“Seja como for, a alegria que eu saboreava ao lado de Lotte desapareceu. Será isso loucura? Cegueira? O nome não interessa, pois o que conta é o fato em si. Tudo o que agora sei, já o sabia antes da chegada de Albert; sabia que me era vedado ter pretensões em relação a ela; também não tinha nenhuma... quero dizer, o que é possível não desejar, em face de tantos encantos... E agora o idiota arregala os olhos, porque outro chega efetivamente e lhe rouba a amada!” (Goethe, 1999, pg. 48)

Werther reconhece que tinha consciência de que Lotte era comprometida e que ignorara esse fato. O jovem então, como em uma tentativa de se livrar da culpa de se envolver em algo que sabia ser proibido, diz: “quero dizer, o que é possível não desejar, em face a tantos encantos...” (p. 48). Werther, assume que seria impossível não desejar Lotte, uma vez que essa é tão encantadora e angelical. Assim, inocente e indefeso, Werther fora arrastado pelos encantos de Lotte para o sentimento de amor profundo que passara a sentir por ela. Werther assim, tenta se fugir do sentimento de culpa, justificando que qualquer outro em seu lugar, diante de Lotte, estaria na mesma situação.

“Meu diário, que abandonei há algum tempo, tornou-me a cair nas mãos hoje, e estou admirado em ver como avancei conscientemente, passo a passo, por esse caminho; como desde o inicio vi claramente minha situação, mas sem deixar de agir como uma verdadeira criança: ainda hoje, vejo-a tão clara como o dia, e ainda não vislumbro o menos sinal de que eu possa me curar” (Goethe, 1999, pg. 49)

Por mais que tente se livrar da culpa procurando justificativas, quando se depara com seu diário, reconhece que caminhara conscientemente para esta situação, mesmo sabendo desde o principio suas condições. Fica assim, inevitável, seu sentimento de culpa. Werther passa assim a ver seu amor por Lotte como uma doença, que lhe faz mal, e que precisa de cura, porem, não consegue enxergar uma possível saída para seu amor.

“Albert é, sem duvidas, o melhor homem deste mundo” (Goethe, 1999, pg. 50). Apesar deste “roubar sua amada”, Werther desenvolvera grande afeto e admiração por Albert, com que passa algumas tardes. Foi em uma dessas tardes, que, ao colocar uma das pistolas de Albert em sua boca, iniciara o dialogo:

“- Esta é boa! – disse Albert, desviando a pistola. – Que quer dizer com isso?

- Esta descarregada.

-Não importa... que significa isso? – prosseguiu ele, impaciente. Eu nunca serei capaz de compreender como um homem pode ser louco o bastante para estourar os miolos com um tiro. A simples idéia disso me revolta...

Eu exclamei:

- Por que será que os homens não podem falar de uma coisa sem dizer imediatamente: “isso é uma loucura, aquilo é ajuizado, isso é bom, aquilo é mau!”? Que significam todos esses julgamentos? Teriam com isso descoberto as secretas circunstâncias de uma ação? Saberiam determinar com exatidão as causas que a produziram, que deviam produzi-la? Se soubessem tudo isso, não seriam tão apressados em seus julgamentos.”
(Goethe, 1999, pg. 52).

Tendo como pano de fundo o suicídio e a reação reprovadora de Albert sobre seu ato de colocar a arma na boca, Werther manifesta sua incompreensão pelo julgamento apressado que as pessoas costumam fazer. Acredita que caso os outros buscassem realmente compreender as causas que produzem tais atitudes (como o suicídio), não seriam tão apressados em julgá-lo. Werther, que muitas vezes se sente incompreendido, questiona então porque não há o esforço dos outros em tentar compreender melhor as pessoas.

“-Há de convir comigo – disse Albert -, que certas ações serão sempre imorais, sejam quais forem os motivos que as provocaram.

Dei os ombros e concordei, mas prossegui:

-Entretanto, meu caro, ainda aqui existem algumas exceções. É verdade que o roubo é crime; mas o homem que, para salvar a si e à sua família de fome, chega a roubar, merece piedade ou castigo? Quem atirará a primeira pedra ao marido traído que, na sua justa cólera, mata a esposa infiel e o miserável sedutor? Ou contra a jovem que, num momento de excitação, se entrega às irresistíveis delícias do amor? Até as nossas próprias leis, com sua frieza pedante, se deixam comover e atenuam o castigo” (Goethe, 1999, pg. 52)

Werther acredita que existem exceções para atos extremos como acredita ser o suicídio. Seu discurso pode ser entendido também como uma defesa para seus

pensamentos remetentes de suicídio, como foram aparecendo ao longo de suas cartas. Werther pode ser uma exceção. Seu sofrimento é único e sem fim, incompreensível aos outros, que certamente o julgariam.

Albert, sujeito completamente racional, sendo assim o oposto de Werther, que é uma pessoa emotiva, sensível e impulsiva, argumenta:

“-Isso é outro caso – retrucou Albert -, porque um indivíduo arrebatado pela paixão perde toda capacidade de refletir, e nele só se vê o homem bêbado, insensato.

-Oh! Essa gente sensata! – exclamei, sorrindo. – Paixão! Embriaguez! Loucura! Vocês, os razoáveis, permanecem tão calmos, tão indiferentes, condenando os bêbados, repelindo os treloucados, e seguem o seu caminho como um sacerdote e agradecem a Deus, como um fariseu, por Ele não os ter feito igual aos outros. Mais de uma vez embriaguei-me, vivi paixões que me levaram à beira da loucura, e de nada me arrependo, pois dessa forma compreendi por que homens notáveis, de todos os tempos, que fizeram alguma coisa expressiva, alguma coisa grande, foram chamados de bêbados ou loucos. Entretanto, mesmo na vida mais comum, quando alguém realiza algo inesperado, diferente, é insuportável ouvirmos a acusação: “Esse homem está bêbado, está fora de si!” Os homens sensatos são uma vergonha” (Goethe, 1999, pg. 52)

Werther diferencia-se de Albert, e de tantos outros “homens sensatos”, que não vivem suas paixões intensamente, que são guiados pela razão, e iguala-se aos homens notáveis, que por muitas vezes são chamados de loucos.

“-Você novamente com essas extravagâncias – disse Albert. – Você exagera tudo e, além disso, no mínimo erra ao comparar o suicídio, sobre o qual estávamos conversando, com as grandes ações; quanto a isso só podemos ver uma fraqueza, porque, sem dúvida, é mais fácil morrer do que suportar constantemente uma vida de aflições” (Goethe, 1999, pg. 53)

Em sua fala, Albert tira do ato de se matar, toda a sua autenticidade. Julga como um ato de fraqueza, de fugir ao enfrentar os sofrimentos e aflições. Werther lhe responde: “Chama isso de fraqueza? Por favor, não se deixe conduzir pelas aparências” (Goethe, 1999, pg. 53).

“ – Não se zangue, mas os exemplos que acaba de citar não parecem ter aplicação nesse caso.

- Pode ser; já me disseram que os meus raciocínios são muitas vezes, verdadeiros disparates... Vejamos, então, se podemos imaginar, de outro modo, o que deve sentir o homem que se decide não mais carregar o peso da vida, que antes lhe era agradável. Afinal, só podemos falar apropriadamente de uma coisa que entendemos bem” (Goethe, 1999, pg. 53.)

Frente a contestação de Albert frente aos exemplos dados, Werther sugere então um novo exemplo, afirmando que só se pode falar apropriadamente sobre algo que se entende bem. Este novo exemplo, é sobre o que deve sentir o homem que decide não mais carregar o peso de sua própria vida, que em outros tempos, lhe era agradável. Werther dá um exemplo do qual entende bem, do qual ele mesmo sente. Werther fala sobre si mesmo, e por esta razão pode falar com propriedade. Ao mesmo tempo, com a afirmação de que “só podemos falar apropriadamente de uma coisa que entendemos bem” (pg. 53), Werther tira de Albert direito de julgar tal situação, uma vez que não é ele quem compartilha desses sentimentos. Por esta razão, não tendo o entendimento do que é estar nessa situação, Albert não poderá compreender plenamente porque alguém comete suicídio, e logo, julgá-lo.

“ – A natureza humana – continuei – é limitada: podemos suportar a alegria, o sofrimento, a dor, mas só até certo ponto; quando ele é ultrapassado, sucumbimos. Portanto, aqui não se trata de saber se um homem é forte ou fraco, mas se é capaz de suportar a medida de seu sofrimento, seja moral ou físico. Considero tão absurdo dizer que um homem é fraco porque se mata quanto chamar de covarde aquele que morre de uma febre maligna” (Goethe, 1999, pg. 53).

Werther acredita que em certa medida, o sofrimento pode ser insuportável para o homem, e que esta é uma limitação do ser humano. Por isso, não julga um ato de fraqueza tirar a própria vida, mas acredita ser uma maneira de sufocar nos braços da morte todas as angústias que consomem o homem nesta situação.

Para Werther, “o homem é sempre o homem, e o pouco de discernimento que um pode ter a mais que o outro de quase nada serve, pois quando a paixão irrompe somos arrastados ao limite extremo da capacidade humana” (Goethe, 1999, pg. 55). Seria para ele, a paixão, uma das causas a pela qual um homem pode fazer tudo, inclusive, suicidar-se. Para Werther, “(...) somente o amor torna um homem necessário neste mundo” (Goethe, 1999, pg. 56).

Werther se questiona: “Porque razão aquilo que representa a felicidade do homem também se transforma na fonte de sua desventura?” (Goethe, 1999, pg. 56). O

amor de Lotte, que para ele era origem de conforto e felicidade, se tornara um martírio, causando-lhe grande sofrimento.

“Em vão estendo-lhe os braços pela manhã, quando desperto de pesadelos. Em vão procuro-a à noite, em minha cama, quando um sonho feliz, inocente, faz-me acreditar que estamos sentados juntos na relva, nossas mãos entrelaçadas, eu cobrindo-a de mil beijos. Ah! quando ainda, trôpego de sono, procuro-a Tateando e, nisso, acordo por completo. Uma torrente de lágrimas brota do meu coração e choro, amargurado, pelo sombrio futuro que me espera” (Goethe, 1999, pg. 59)

Werther retrata a Wilhelm a angustia que agora vive, seus sofrimentos e anseios por Lotte. Passa a procurá-la quando acorda, em sua cama, em sua vida. Procura-a em seus sonhos, e com ela tem momentos agradáveis, onde podem trocar carícias, onde pode ama-la. Lotte se tornara um fantasma. O jovem, que com tudo isso sofre, passa a temer o sombrio futuro que lhe espera, futuro esse de sofrimento crescente e sem fim.

“As forças de minha alma se consomem numa inquieta indolência; não posso ficar ocioso, mas ao mesmo tempo não consigo fazer nada” (Goethe, 1999, pg. 59). A vida de Werther esta estagnada. Não tem perspectivas para o futuro que não seja sofrimento.

No dia 28 de Agosto, dia de seu aniversário, Werther escreve ao seu amigo, contando sobre o pacote que recebera de Albert. Neste pacote, estavam um livro (o qual relata que sempre quisera) e dois laços que Lotte costumava usar. Ele lhe diz: “Beijo esse laço mil vezes por dia e, em todas elas, saboreio recordações das alegrias daqueles poucos dias felizes, que passaram pra nunca mais voltar” (Goethe, 1999, pg. 60). Werther não tem mais perspectivas de ter dias felizes como os que costumava ter. Estes passaram, para nunca mais voltar. Não haverá um futuro feliz, pois, para ele, “(...) as coisas belas da vida são como flores feitas de ilusão. Quantas murcham sem deixar o menor vestígio!” (Goethe, 1999, pg. 60).

“Só por ela faço agora as minhas preces; em minha imaginação não há outra imagem senão a dela, e tudo o que me cerca só adquire sentido quando relacionado a ela. É certo que isso me proporciona algumas horas de felicidade, mas só até o momento em que tenho de afastar-me dela” (Goethe, 1999, pg. 60)

Tudo que o rodeia lhe perde o sentido. Agora, sua vida só tem sentido nos momentos em que esta ao seu lado. Quando se separam, tudo perde o sentido novamente, e ele volta a sofrer. Os raros momentos de felicidade que ainda vivem,

são ao seu lado, e por sua causa, e tudo volta a perder o sentido quando afastam-se. Ele diz: "(...) muitas vezes nem sei se ainda estou vivo!" (Goethe, 1999, pg. 61).

Werther diz: "Ó Wilhelm, as paredes de uma cela solitária, o cinto de espinhos e o cilício seriam consolos à minha alma! Adeus! Para terminar esse sofrimento, só vejo um caminho: o tumulto" (Goethe, 1999, pg. 61). Ele já não vê mais saídas para o seu sofrimento, senão a morte. Werther sente que sua angústia e sofrimento nunca cessarão, e essa é a única maneira de estar novamente em paz.

No dia 3 de setembro, Werther confessa em carta para seu amigo: "Preciso ir embora! Agradeço a você, Wilhelm, por ter me ajudado a tomar a decisão. Já há duas semanas penso em deixá-la. Preciso ir embora. Ela está novamente na cidade, na casa de uma amiga e Albert e... preciso ir embora" (Goethe, 1999, pg. 61). Werther decide, com o conselho e apoio de seu amigo, sair da cidade para exercer um trabalho, mas principalmente, para poder ficar longe de Lotte e recuperar-se de todo seu sofrimento.

Em sua última noite na cidade, quando fora até Lotte para despedir-se secretamente, uma vez que esta não sabia sobre seus planos de mudar-se, Lotte lhe perguntara:

" – Sempre que passeio à luz do luar, vem à minha lembrança os entes queridos, já falecidos, e, ao mesmo tempo, se apossa de mim pensamentos sobre a morte e a vida após a morte. Mas iremos renascer! – prosseguiu ela, num tom mais carregado de emoções. – Werther, será que nos encontraremos de novo? O que pensa de tudo isso, me diga?"

Estendi-lhe a mão, com os olhos cheios de lágrimas.

- Lotte, tornaremos a nos encontrar! Aqui ou lá em cima, tornaremos a nos encontrar!

Não pude dizer mais nada. Wilhelm, por que ela tinha de me fazer essa pergunta justamente quando eu trazia no coração o peso cruel da despedida?" (Goethe, 1999, pg. 63).

Werther, no fundo, nunca descartara a possibilidade de voltar a rever sua amada no futuro, mas principalmente, acreditava, assim como ela, que seria possível que se reencontrassem após a morte. Ele reafirma:

"– Voltaremos a nos ver – exclamei -, tornaremos a nos encontrar: seja sob que forma for, haveremos de nos reconhecer. Vou partir – prossegui -, vou partir voluntariamente, mas se tivesse que dizer "para sempre" não poderia suportar essa idéia. Adeus Lotte! Adeus Albert! Voltaremos a nos encontrar" (Goethe, 1999, pg. 65).

Werther, desde o principio tem claro que, em algum momento, voltarão a se encontrar, pois sabe que não pode ficar o resto de sua vida sem vê-la.

“Paciência! Tudo há de melhorar, pois reconheço, meu amigo, que você tem razão: desde que comecei a me misturar à multidão, vejo o que os outros fazem e como se comportam, e ando muito mais contente comigo mesmo. Sem duvida, visto que somos feitos assim, gostando de nos comparar com tudo e com todos, a felicidade ou a desgraça reside nos objetos que colocamos em comparação: por isso, não há nada mais perigoso do que a solidão. Nossa imaginação, que por natureza tende a se elevar, alimentada pelas fantásticas imagens da poesia, cria uma porção de seres, dos quais somos os mais insignificantes, e tudo o que esta fora de nos parece magnífico, e passamos a considerar qualquer outra pessoa mais perfeita. Isso é absolutamente natural: sentimos freqüentemente que nos faltam muitas coisas e temos a impressão de encontrar precisamente o que nos falta nos outros indivíduos, aos quais, alias, atribuímos o que possuímos e, ate mesmo, uma certa graça idealizada. Assim é que o homem feliz, no final das contas, é invenção nossa” (Goethe, 1999, pg. 69).

Pela primeira vez em tempos, Werther demonstra ter perspectivas de que a sua situação pode melhorar, diferente do que dizia anteriormente em seu discurso, onde acreditava que nunca poderia ser “curado”, e viveria sempre em sofrimento. Ele atribui essa nova perspectiva ao convívio com a multidão. Ele, que sempre fora solitário na cidade em que estava vivendo, agora mistura-se entre as pessoas, e conclui que não há nada mais perigoso que a solidão, pois entende que esta da abertura para a imaginação, que pode ser traiçoeira.

Ao mesmo tempo, Werther fala, talvez sem se dar conta, de sua relação com Lotte. Encontrara nela a felicidade, e passara a acreditar que esta era a única forma pela qual poderia ser feliz. Quando não estava ao seu lado, no lugar de felicidade, ficava a falta. Falta essa que não era necessariamente de Lotte, mas sua. Lotte era o preenchimento de sua falta.

No dia 24 de dezembro, porem, Werther começa a mostrar-se insatisfeito com sua mudança, reclama do embaixador com quem trabalha, que esta lhe causando grande irritação e desconforto. Diz: “E a culpa é de vocês, porque me colocaram sob esse jugo com as suas belas palavras, e falaram o tempo inteiro da importância de ter uma atividade” (Goethe, 1999, pg. 72). Ele passa a culpar aqueles que o incentivaram a fazer essa mudança de vida pela sua atual infelicidade.

Ele está insatisfeito não só com seu trabalho, mas também com a cidade e as pessoas que lá vivem. Reclama que os cidadãos têm mania de posição social, que ficam contando vantagem de sua nobreza e que não perdem a oportunidade de alfinetarem-se.

Até então, desde que se mudara, Werther não falara de Lotte em nenhuma de suas cartas. Porém, no dia 20 de janeiro, uma carta que parece ter sido escrita com a intenção de ser mandada a ela é registrada. Nela Werther diz que não houve um só instante em que não pensara em lhe escrever, e que seu primeiro momento de felicidade que tivera fora quando a imaginara ao chegar em sua casa. Ele diz: “Em nenhum momento tenho meu coração repleto! Nem uma hora feliz! Nada, nada!” (Goethe, 1999, pg. 74).

Ele relata não saber por que se levanta ou porque se deita. Diz: “Não mais existe o motor interno que fazia girar a minha vida; desapareceu o encanto que me permitia passar as noites acordado, o mesmo que, pela manhã, me despertava” (Goethe, 1999, pg. 74). Sua razão, seu motor, aquele com o qual não conta mais, era Lotte, sua presença. Sem tê-la em seus dias, Werther sente-se vazio.

“Passados oito dias, sinto-me ainda reconfortado e em paz comigo mesmo. A tranquilidade de espírito e autoconfiança são coisas maravilhosas. Que pena, caro amigo, que esta jóia seja tão frágil quanto é bela e preciosa” (Goethe, 1999, pg. 76). Disse Werther, depois de receber uma carta elogiosa do ministro com quem trabalha.

Apesar de relatar estar bem consigo mesmo e em paz de espírito, Werther, no dia 20 de fevereiro, registra uma carta em que aparentemente parece perturbado:

“Que Deus abençoe, meus queridos amigos, e conceda a vocês todos os dias felizes que não tem dado a mim!

Albert, agradeço-lhe por ter me enganado: esperava a comunicação do dia de seu casamento e havia resolvido que, nessa data, tiraria solenemente da parede o retrato de Lotte para enterrá-lo entre outros papéis. Agora, já estão casados, e o retrato dela ainda está aqui! Que fique! Por que não? Sei que também estou ao lado de vocês; estou, sem querer magoá-lo, no coração de Lotte; nele tenho, sim, o segundo lugar, e desejo, necessito conservá-lo. Oh! enlouqueceria se ela me esquecesse...

“Albert, este pensamento contém todo um inferno. Adeus, Albert! Adeus, anjo do céu! Adeus, Lotte!” (Goethe, 1999, pg. 77).

Werther descobriu que Lotte casara com Albert. Acontecimento esse que, para ele, representa a consumação de seu medo: agora Lotte é definitivamente de Albert, e não há mais nada que possa fazer sobre isso. Todas as suas chances de um possível

envolvimento real com ela se fora. Werther busca consolar-se então, com o “segundo lugar” em seu coração, pois acredita que, para ela, é especial.

Em sua próxima carta a seu amigo Wilhelm, Werther relata, furioso, que um acontecimento, onde sentira que fora humilhado, e que corria por toda a cidade, o fizera decidir deixar a cidade. Ele relata que: “Tudo conspira para me levar ao desespero” (Goethe, 1999, pg. 79). Werther ficara muito sensível ao acontecimento, principalmente por ter vindo das pessoas que mais estimava nessa nova cidade. Ele diz:

“Ah! cem vezes já peguei um punhal, pensando que uma sangria pudesse aliviar meu coração. Ouvi falar de uma nobre raça de cavalos que, quando são acossados e submetidos a uma corrida violenta, sentindo-se exaustos, sufocados, rompem instintivamente uma veia para respirar mais livremente. Dá-se o mesmo comigo, muitas vezes – seria capaz de abrir uma veia para conseguir liberdade eterna” (Goethe, 1999, pg. 80)

Por liberdade eterna, podemos entender que Werther referia-se a morte.

Werther pede demissão do emprego que ocupava, e vai, com o príncipe herdeiro que o estima, para suas terras, passar a primavera. Nesta viagem visitara o lugar onde nascera, e segundo ele, “recordar os dias que ali passei docemente” (Goethe, 1999, pg. 82). Nesta visita, com sentimento de nostalgia, relata a seu amigo:

“Que diferença! Naquele tempo, numa feliz inocência, desejava lançar-me ao mundo desconhecido, onde esperava que o meu coração encontrasse tantos prazeres, consolidando minhas metas e anseios. Agora, regresso desse mundo, oh, meu amigo, com quantas esperanças desfeitas, com quantos planos fracassados!” (Goethe, 1999, pg. 82)

Werther demonstra a frustração que sente ao ver que a vida não fora como imaginava quando criança. Agora, adulto, não vê mais a vida como uma aventura, mas como um martírio, onde continuamente passa por desgostos e sofre com eles.

Após um longo período nas terras do príncipe, de onde relata estar cansado por ser um lugar tedioso, Werther, que não falava sobre Lotte a quase três meses, escreve para seu amigo:

“Para onde pretendo ir? Vou contar somente a você. Tenho de ficar aqui mais duas semanas e, depois, desejo visitar as minas de... A verdade, porem, é a seguinte: quero apenas aproximar-me de Lotte e mais nada. Rio de meu coração... E faço tudo o que ele ordena” (Goethe, 1999, pg. 85)

Mais uma vez, Werther afirma que faz tudo o que seu coração pede, pois o trata como uma criança doente. Pretende voltar a vê-la, pretende estar ao seu lado mais uma vez. Pouco tempo depois, escreve a Wilhelm:

“Não, tudo bem! Perfeitamente bem! Eu, marido dela! Ah, Deus, que me deu a vida, se tivesse me concedido essa graça, minha existência inteira seria uma única prece. Não quero contestar e perdoe-me essas lágrimas, essas ilusões sem sentido... Ela, minha mulher! Se eu pudesse ter em meus braços a mais amável criatura que existe nesse mundo! Wilhelm, um tremor percorre-me todo o corpo, quando Albert abraça aquela cintura graciosa.

E ousaria dizê-lo? Por que não, Wilhelm? Comigo ela seria as feliz do que com ele. Oh! Albert não é homem capaz de satisfazer todos os desejos daquele anjo. A ele falta uma certa sensibilidade, falta... entenda como quiser... Quando lêem juntos alguns trechos de um livro particularmente amado, o coração dele não bate em sintonia com o dela, como quando eu leio com Lotte esse mesmo livro e nossos corações pulsam como um só; e em centenas de outras circunstâncias, quando exprimimos nossos sentimentos sobre o comportamento de outras pessoas... Caro Wilhelm, é verdade que ele a ama intensamente, e um amor desses não merece ser retribuído?” (Goethe, 1999, pg. 85).

Para Werther, caso tivesse a honra de ser marido de Lotte, sua existência seria completa, e ele seria plenamente feliz. Ele acredita também que poderia fazê-la muito mais feliz que Albert, pois combinam muito mais, e por isso deveriam estar juntos. Por esta razão, Albert não é capaz de dar a ela tudo que merece, mas apenas Werther. Ele é o único que pode fazê-la feliz como merece.

Ao mesmo tempo, o jovem reconhece que Albert ama intensamente Lotte, e que por esta razão, esse amor merece ser retribuído. Apesar de sua rivalidade com Albert, por este possuir sua amada, Werther tem uma grande amizade e admiração por ele, o que lhe faz oscilar, muitas vezes, entre o sentimento de inveja e o de culpa.

“Não sou o único: todos os homens estão sujeitos a sofrer dores e desilusões, e ver seus sonhos frustarem-se” (Goethe, 1999, pg. 85), reflete ele.

“De súbito, tudo mudou em mim. Às vezes ainda sinto a vida me iluminar... Ah! Mas é apenas por um momento... Quando me perco assim em devaneios, não consigo afastar da mente esse pensamento: “Mas... se Albert morresse!... você estaria, sim, ela estaria...” E sigo nesse delírio até chegar à beira de abismos diante os quais recuo horrorizado” (Goethe, 1999, pg. 86).

Werther passa a fantasiar como seria sua vida caso Albert morresse, pois vê na morte deste a possibilidade de estar junto a sua amada. Acredita que Lotte estaria a sua espera, e o caminho dos dois estaria livre para viverem sua grande paixão. Quando se dá conta de tais pensamentos, sente-se culpado e horrorizado por ver até onde pode ir.

Werther diz: “Às vezes não consigo compreender como outro pode amá-la, ousa amá-la, uma vez que eu a amo tão unicamente, tão profundamente, tão perfeitamente; uma vez que nada conheço, nada sei e nada tenho, além dela” (Goethe, 1999, pg. 87). Werther sente que é injusto que outro a tenha, se ele a ama tanto. Para ele, é quase um ato de ousadia que outra pessoa impeça esse amor que, para ele, é perfeito. Ousadia essa que Albert comete.

Depois de tanto tempo, é no dia 5 de Setembro que Werther volta a encontrar Lotte. Ele conta a seus amigos que Albert estava fora para cuidar de negócios. Leu um bilhete que Lotte escrevera para Albert, onde dizia: “Volte logo que puder; eu o espero com mil alegrias...” (Goethe, 1999, pg. 89). Werther disse que, ao ler, imaginou que este bilhete era para ele, e, quando contou a Lotte, esta cortou a conversa e pareceu não gostar.

“Contemplar seus olhos negros é suficiente para me fazer feliz! E o que me entristece é que Albert não parece muito feliz... tanto quanto esperava, tanto quanto eu estaria, se... Não gosto de empregar reticências, contudo não consigo aqui exprimir-me de outro modo.” (Goethe, 1999, pg. 92). Lotte é, para Werther, sua única fonte de felicidade, mesmo que tudo que possa fazer é contemplá-la. Por esta razão, não consegue compreender porque Albert, que a tem por inteira, não parece feliz como ele acredita que seria em seu lugar.

“Ah! Esse vazio! Esse vazio terrível que sinto em meu coração! Penso muitas vezes: “Se eu pudesse, uma vez, uma só vez, apertá-la de encontro ao meu peito, todo esse vazio seria preenchido” (Goethe, 1999, pg. 93). Werther sente um vazio, uma falta, que acredita poder ser preenchida apenas por sua amada, que o completaria.

“Sim, meu caro Wilhelm, estou cada vez mais convencido de que a existência de uma criatura vale pouco, bem pouco” (Goethe, 1999, pg. 93), diz Werther. A existência perdera o valor para ele. Ele reflete:

“Veja o que você representa para esta casa! Em suma: seus amigos o estimam; muitas vezes os alegra e seu coração sente que não poderia viver sem eles. E contudo... se você morresse, desaparecesse desse meio, por quanto tempo sentiriam o vácuo que

sua perda deixaria no destino deles? Por quanto tempo?...” (Goethe, 1999, pg. 94)

Werther sente que, mesmo que sua falta seja sentida depois de sua morte, essa falta será temporária, e logo se esquecerão de sua presença, e tudo que ela representava naquele ambiente. Ele se sente descartável, que a falta que fará, será questão de tempo para ser esquecida. Ele diz: “Tão transitório é o homem que, mesmo nos lugares onde tem absoluta certeza de sua existência, sua presença deixa gravada uma impressão indelével na lembrança e na alma de seus amigos, mesmo ali vai se apagar, desaparecer, num piscar de olhos!” (Goethe, 1999, pg. 94)

Seguindo ainda essa linha de pensamento, Werther escreve a seu amigo: “Ao constatar quão pouco significamos uns para os outros, tenho vontade de rasgar o peito e arrebentar a cabeça. Ah! Ninguém poderia me dar o amor, a alegria, o ardor e o prazer que me faltam, e nem eu poderia fazer feliz quem, diante de mim, mostra-se sem animo, sem forças” (Goethe, 1999, pg. 94). Werther incomoda-se com a sensação de que as pessoas são descartáveis, de maneira que pouco significam uns aos outros, e logo são esquecidas. Isto lhe faz querer tirar a própria vida.

Entende-se também que Werther não vê mais possibilidades de que sua falta seja preenchida. Para ele, não há quem possa dar-lhe amor, alegria ou prazer capaz de preencher a falta que sente em sua vida. Por vezes, acredita que Lotte tem esse poder, mas passa a acreditar que nem ela será mais capaz.

“Deus sabe quantas vezes vou deitar-me com o desejo, com a esperança, de não mais despertar. E pela manhã, quando abro os olhos e revejo a luz do sol, sinto-me infeliz. Oh! Se eu fosse leviano, poderia culpar o tempo, uma outra pessoa, um empreendimento fracassado, e assim, o insuportável fardo do descontentamento não me pesaria tanto.” (Goethe, 1999, pg. 95).

Werther relata a infelicidade que para ele é ainda estar vivo. Deseja que a morte chegue durante seu sono, de maneira natural. Sabe que em outra situação, poderia colocar a culpa de sua infelicidade e vontade de não mais acordar em outras pessoas, talvez em um empreendimento, causas que poderiam ser compreensíveis para os outros, e assim, o fardo do descontentamento não lhe pesaria tanto. A origem seria exterior, e ele, indefeso, não teria responsabilidade sobre sua atual situação. Mas continua:

“Pobre de mim! Percebo muito bem que a culpa é toda minha: não a culpa, não! A verdadeira fonte de toda a minha desgraça esta oculta em meu peito, a mesma fonte que outrora produzia toda a minha felicidade” (Goethe, 1999, pg. 95). Werther

reconhece então, que sua atual situação é fruto de seu coração sensível, impulsivo, do qual tanto se orgulhava e acreditava ser seu maior tesouro. Ele se questiona:

“Será que já não sou mais o mesmo que antes flutuava na plenitude dos sentimentos; que encontrava um paraíso a cada passo; que tinha um coração capaz de abraçar com o seu amor o mundo inteiro? Mas, agora, esse coração está morto; dele já não brota nenhum entusiasmo; meus olhos estão secos e, como os meus sentidos já não tem o alicio das lágrimas refrescantes, tenho a face contraída pela angustia” (Goethe, 1999, pg. 95).

Werther observa como mudara, como “flutuava na plenitude”, e hoje vive na angustia. Acredita que seu coração, aquele que lhe era tão importante, mas que lhe levava a seu atual sofrimento, está morto. Com isso, sua vida perdera todo o entusiasmo e todas as coisas boas. Sobrara a ele a angustia, para a qual nem mais em suas lágrimas encontra alívio. Está em permanente angustia.

“Sofro muito, pois perdi aquilo que era a única alegria de minha vida, a força sagrada, vivificante, com a qual criava mundo em torno de mim: hoje ela já não existe! Quando, de minha janela, contemplo, na colina distante, o sol da manhã atravessando o nevoeiro e iluminando, no fundo do vale, os prados tranquilos; quando vejo o doce regato correr para junto de mim através dos salgueiros desfolhados... Oh! Ocorre, então, que essa natureza magnífica parece estar sem vida diante de meus olhos, como uma gravura num quadro envernizado; e toda essa visão encantadora não é capaz de conduzir, do coração ao cérebro, a menor centelha de alegria, e eu me vejo tão infeliz perante o Criador como uma fonte esgotada, um pote vazio” (Goethe, 1999, pg. 96).

Nada, nem a natureza, faz com que Werther sinta-se vivo novamente. Não sente mais alegria, não sente mais nada que não sofrimento e angustia. Sente-se, por isso, vazio. Como diz a Wilhelm: “Meu caro amigo, nada mais sou” (Goethe, 1999, pg. 96).

“Agradeço-lhe, Wilhelm, seu afeto cordial, seus conselhos repletos de boa intenção. Mas peço-lhe que fique tranquilo. Deixe-me suportar tudo isso até o fim. Por maior que seja a minha falta de ânimo, ainda tenho forças para prosseguir” (Goethe, 1999, pg. 96), disse Werther a seu confidente, que expressa preocupação com seu estado. Segundo ele, “Faz parte do destino humano cada um de nós carregar a sua cruz e beber o fel de seu cálice até a última gota” (Goethe, 1999, pg. 97).

“E por que deveria envergonhar-me, no terrível momento em que todo o meu ser oscila entre a vida e a morte, quando o passado ressurgue como um relâmpago alumando o abismo sombrio do futuro, e tudo desmorona em torno de mim, e o

mundo inteiro parece se extinguir?” (Goethe, 1999, pg. 97). Esta é a maneira como Werther se sente. Sente-se sem chão, sem perspectivas e com medo de um futuro que pode ser ainda pior, que lhe faz oscilar entre a vida e a vontade de não estar mais vivo.

“Ela não vê, não sente que esta preparando um veneno que nos destruirá. E eu, bêbado de desejos, sorverei até o fundo da taça que ela me oferecer, e me perderei. De que vale o doce olhar que muitas vezes... muitas vezes, não, mas algumas vezes, me lança; e a delicadeza com que recebe as expressões involuntárias de meus sentimentos; e a compaixão que lhe transparece na face, por meus sofrimentos?” (Goethe, 1999, pg. 97).

Para Werther, mesmo que inocentemente, Lotte alimenta seus sentimentos, o que lhe é como um veneno, que embora muitas vezes o faça bem, esta o matando cada vez mais, e que levava a sua destruição. Ele diz: “Não posso pedir: “Meu Deus, permita que ela seja minha!” e, contudo, muitas vezes parece-me que ela é minha” (Goethe, 1999, pg. 98). Ele sente que de certa maneira, a possui, possui seu afeto, sua atenção e compreensão, de maneira que seu amor é correspondido, mesmo que impossível devido a presença de Albert, seu marido.

Para Werther, Lotte é a única que o compreende, apenas ela, com toda sua sensibilidade, tem acesso a sua dor. Ele diz:

“Ela sente o quanto sofro. Hoje seu olhar penetrou até o fundo do meu coração. Encontrei-a sozinha. Deixei-me ficar a seu lado, em silêncio, e ela me fitou. Já não via nela a beleza encantadora, nem a luz da inteligência complacente; tudo isso havia desaparecido ante os meus olhos. O que agia sobre mim era seu olhar, um olhar ainda mais admirável, todo cheio do mais terno interesse e da mais doce piedade. Por que não me atirei a seus pés? Por que não atrevi a abraçá-la com mil beijos? Ela sentou-se ao piano e, com uma voz suave e doce, uniu música e letra harmoniosamente. Nunca seus lábios me pareceram tão sedutores; era como se eles se abrissem com volúpia para absorver os doces sons que brotavam do instrumento, aos quais sua boca pura respondia apenas com um tênue eco. Se eu pudesse lhe dizer! Não resisti muito tempo: inclinei-me e jurei: “Nunca ousaria beijar esses lábios onde residem os espíritos do céu”. E contudo... quero... Ah! Olhe, é como se um muro tivesse sido erguido diante da minha alma... Viver a felicidade e... e depois morrer para expiar esse pecado!... Pecado?” (Goethe, 1999, pg. 98)

Para Werther esta cada vez mais difícil estar ao lado de Lotte, e resistir a seus encantos, aos seus impulsos de possuí-la. Questiona, em tom arrependido, porque não dá liberdade a esses impulsos em direção a felicidade plena que seria tê-la em seus braços. E mesmo quando jura a si mesmo que não faria tal coisa, logo volta atrás, e começa a imaginar como seria.

“Algumas vezes, digo a mim mesmo: o seu destino é único. Comparados com você, todos os outros são felizes... Nunca um homem foi tão atormentado. Depois, abro algum livro de um poeta antigo e tenho a impressão de estar lendo o meu próprio coração. Sofro demias! Teria havido, antes de mim, alguém tão infeliz quanto eu?” (Goethe, 1999, pg. 99). Werther sente que seu sofrimento é único, e que ninguém nunca estivera em seu lugar, ninguém nunca sofrera tanto.

Werther se questiona: “É esse o destino que reservou (Deus) aos homens: só torná-los felizes antes de alcançarem a razão e após tê-la perdido?” (Goethe, 1999, pg. 101). Werther passa a questionar Deus, questionar a felicidade e a razão. Passa a questionar tudo em busca de uma explicação para seu sofrimento, para o rumo que sua vida tomou. Busca uma explicação do porque, segundo ele: “(...) saio sem esperança, sem destino, e volto do mesmo modo como fui...” (Goethe, 1999, pg. 101).

“Você imagina o homem em que se transformaria caso os Estados Gerais lhe pagasse: feliz criatura, que pode atribuir sua falta de felicidade a um obstáculo terreno! Não sente, não sente que sua miséria reside em seu coração magoado, em seu cérebro perturbado, e que nem todos os reis da Terra dela podem libertá-lo” (Goethe, 1999, pg. 101).

Werther sente inveja daqueles que podem culpar outras pessoas por seu sofrimento, diferente dele, que sente que sua miséria mora dentro de si, e por esta razão, não consegue eliminá-la. Não existe um obstáculo para sua felicidade que não si mesmo.

“Por favor... Veja, estou acabado, não posso suportar mais. Hoje, eu estava sentado ao lado dela... estava sentado: ela tocava piano; eram várias melodias, com tanta expressão!... Tanta!... Tanta!... Que posso lhe dizer? Sua irmãzinha arrumava uma boneca em meus joelhos. Então, inclinei a cabeça e meus olhos deram com sua aliança de casamento. Lágrimas começaram a correr de meu rosto... e, de repente, ela começou a cantar uma antiga melodia, uma ária de doçura celestial; apoderou-se de mim uma sensação de alívio, invadiu-me uma lembrança do passado, dos tempos em que ouvira essa melodia, dos períodos sombrios que vivi, das esperanças perdidas, e depois... comecei a caminhar pela sala, um peso enorme oprimia meu coração” (Goethe, 1999, pg. 102).

Werther sente que já não pode mais suportar. A idéia de que Lotte esta casada ainda lhe causa muito sofrimento, porem, sua melodia ainda lhe traz paz e lembrança da época que eram apenas os dois, o que lhe perturba profundamente.

No dia 6 de dezembro, Werther escreve a ultima carta efetivamente que mandara a Wilhelm. Nela, dizia:

“Como a imagem dela me persegue! Esteja eu acordado ou sonhando, invade toda a minha alma. Aqui, quando fecho os olhos, aqui, atrás do meu rosto, onde se concentra a visão interior, estão sempre os seus olhos negros. Exatamente aqui! Não consigo explicar. Se fecho as pálpebras, eles ai estão; estão diante de mim, em mim, como um abismo; dominam todos os meus sentidos. Que é o homem, esse semideus tão enaltecido? Não lhe faltam forças precisamente quando lhe são mais necessárias? Seja quando manifeste a alegria ou mergulhe na dor, não é bruscamente detido, bruscamente levado de volta ao sentimento frio e limitado de si mesmo, no momento em que aspirava perder-se na vastidão do infinito?” (Goethe, 1999, pg. 103).

Esta, fora a ultima carta que Wilhelm recebera de Werther.

As informações que se seguem sobre o jovem Werther, são fruto da pesquisa de Wilhelm sobre os fatos e a compilação de qualquer material escrito por ele, mesmo que uma pequena anotação.

Para Wilhelm, *“o desanimo e a tristeza haviam lançado raízes cada vez mais profundas na alma de Werther, e elas tinham se entrelaçado fortemente, apoderando-se pouco a pouco de todo o seu ser. A harmonia de seu espírito estava completamente rompida; um ardor e uma agressividade contida aniquilavam progressivamente todas as suas forças, produzindo um abatimento do qual só se livrava com angustias ainda mais penosas que todos os males contra os quais ate então lutara. Seu coração desesperado consumiu-lhe as ultimas forças do espírito, e também sua vivacidade e argúcia”* (Goethe, 1999, pg. 104).

O pai de Lottte ficara doente, e esta fora visitá-lo. Werther fora ate lá no dia seguinte, para acompanhá-la de volta, caso Albert não pudesse buscá-la.

Segundo Wilhelm: *“ O tempo sereno não teve grande efeito sobre o seu humor sombrio; uma profunda tristeza oprimia-lhe o coração; imagens melancólicas tomaram conta de seu espírito e ele só conseguia passar de um pensamento doloroso para outro ainda mais doloroso. Como vivia num perpétuo descontentamento consigo mesmo, a situação dos outros lhe parecia tambem mais critica e mais perturbada;*

julgava ter destruído a boa relação ente Albert e a esposa; e recriminava-se, porquanto também manifestasse uma secreta antipatia pelo marido.

No caminho de volta da casa do pai de Lotte, este pensamento fixara-se na cabeça de Werther:

“Sim, sim, ai esta a verdadeira relação, afetuosa, terna e sempre simpática! Essa serena e constante fidelidade! Pois sim, isso é apenas saciedade e indiferença! Porventura um negocio, qualquer que seja, não o ocupa mias do que essa mulher querida e preciosa? Sabe ele apreciar a sua própria felicidade? Estima Lotte tanto quanto ela merece? É sua! Muito bem, é sua!... Sei disso, como também sei de outras coisas. Eu acreditava estar habituado a esta idéia: ela, porem, acabara me matando...” (Goethe, 1999, pg. 105).

Werther, que muitas vezes deixou claro que vive por e para Lotte, que era ela quem dava razão a seus dias e por ela que queria viver, não compreende como Albert pode dedicar tanto tempo a outras coisas quando tem a Lotte, a criatura mais preciosa do mundo, e muitas vezes, em sua visão, acaba deixando-a de lado.

Ele diz: “(...) ela, porem, acabara me matando...”, referindo-se ao casamento de Lotte com Albert. Werther acredita de que a idéia não poder possuí-la para si, é a causa de seu grande sofrimento e de sua desistência da vida. Não consegue suportar saber que seu amor é impossível, e vê-la com outro.

Em uma carta escrita por Werther a Wilhelm, que não fora enviada mas acabou sendo recuperada por seu amigo, ele diz:

“Caro Wilhelm, encontro-me na situação daqueles infelizes que se acham possuídos por um espírito maligno. É algo que me acontece às vezes: não se trata de angustia, nem desejo... É um tumulto interior, desconhecido, que ameaça dilacerar-me o peito, e me aperta a garganta. Ai de mim! Ai de mim! Nesses momentos, vagueio por entre as horrendas cenas noturnas dessa época inimiga dos homens” (Goethe, 1999, pg. 109).

Werther relata uma sensação de falta de controle, algo que não sabe de onde vem, uma sensação que, apesar de dizer que não é angustia, assemelha-se muito com atual compreensão de angustia.

“E quando a lua reapareceu por sobre uma nuvem negra e, diante de mim, as torrentes de águas, com reflexo terrível e magnífico se entrechocavam, despedaçando-se, percorreu-me, então, um tremor seguido de um desejo brutal. Ah! Com os braços abertos, debrucei-me sobre o abismo, enquanto perdia num pensamento prazeroso: precipitar as minhas dores e os meus sofrimentos na voragem das

águas, deixando-me arrastar por aquelas ondas!” (Goethe, 1999, pg. 110)

Werther diz sentir um impulso muito grande, uma vontade que chama de desejo brutal, de se atirar na correnteza e ir de encontro a morte. Confessa que este pensamento lhe é prazeroso, pois é uma maneira de aliviar o sofrimento que lhe aflige.

“Agora, estou aqui sentado como uma mulher velha, que cata a sua lenha ao longo das cercas e mendiga o pão de porta em porta, a fim de atenuar e prolongar um pouco mais a sua triste e miserável existência” (Goethe, 1999, pg. 110). Werther acredita estar vivendo para meramente existir, e que a vida não lhe reserva mais surpresas ou caminhos, e seu único destino é a morte. Compara-se com uma mulher velha, que tem consciência de que nada de novo lhe acontecera, e que apenas espera os dias passarem para que sua vida acabe, assim como seus dias tristes e sua existência miserável. Para Werther, são seus dias que são tristes e miseráveis.

“O que esta acontecendo, meu amigo? Temo a mim mesmo. Meu amor por ela não é o mais sagrado, mais puro, mais fraternal? Terei alguma vez alimentado, no íntimo, um desejo condenável?... Não quero jurar... E agora esses sonhos!... Oh! Como estavam certos os homens que atribuem esses efeitos contraditórios a poderes estranhos! Esta noite (estremeço ao lembrar), eu a tive em meus braços, apertando-a fortemente de encontro ao peito, cobrindo de mil beijos seus lábios que balbuciavam palavras de amor; meus olhos inundavam-se na embriaguez dos dela! Meu Deus, serei culpado por sentir, ainda agora, uma felicidade imensa, ao recordar aquelas delicias ardentes? Lotte! Lotte!... Sou um homem acabado: meus sentidos se confundem; há mais de oito dias que não consigo pensar em nada; meus olhos estão cheios de lágrimas; não me sinto bem em parte alguma e sinto-me bem em toda a parte. Nada desejo, nada peço. Seria melhor partir” (Goethe, 1999, pg. 111).

Werther começa a demonstrar um sentimento de culpa ao perceber que seu sentimento em relação a Lotte mudara. Seu desejo por ela esta cada dia maior, e agora manifesta-se de maneira diferente. Antes, considerava que seu amor por ela puro e fraternal, e agora se vê desejando-a carnalmente, desejo esse que invade seus sonhos. Fantasia em possuí-la, de maneira a corromper aquele amor angelical. Questiona-se se deve se sentir culpado por se sentir feliz ao recordar do que chama de “delicias ardentes”.

Werther descreve também que se sente um homem “acabado”. Sente-se desorientado, chora o tempo todo e não sabe mais o que quer. Acredita que, diante de sua situação, o melhor seria partir, seria morrer.

“É levantar a cortina e passar para o outro lado! E pronto! Por que temer? Por que hesitar? Por que não sabemos o que há lá atrás? Por que dali não se volta nunca? E por que é próprio de nosso espírito imaginar que, nos lugares de que nada sabemos ao certo, tudo é confusão e trevas?” (Goethe, 1999, pg. 111)

Werther se questiona sobre a morte, e sobre os mistérios a cerca desta. Acredita que, para acabar com seu sofrimento, precisa apenas passar para o outro lado, e nada mais o afligira. Porém, divaga sobre as dificuldades de tomar ato tão irreversível.

Após escrever esta carta a seu amigo, Werther foi até a casa de Lotte, e lá a encontrou sozinha, arrumando os brinquedos das crianças. Contou a ela como gostava da época do Natal, que o fascinava e fascinaria também as crianças. Ela lhe disse então que ele também ganharia um presente de Natal, mas que para isso era necessário que não a fosse visitar até o dia da ceia, censurando-o pela alta frequência das visitas sentindo-se rejeitado. Tiveram um diálogo em que Werther se mostrou visivelmente perturbado com seu pedido, e depois lhe disse: “Não Lotte, não tornarei a vê-la” (Goethe, 1999, pg. 113).

Voltou para sua casa, e então escreveu a seguinte carta:

“Esta decidido, Lotte, quero morrer, e escrevo isso sem exaltação romântica, tranqüilo, a manhã do dia em que a verei pela última vez. Quando a ler, minha amada, a fria pedra tumular já terá coberto o inerte corpo do homem antes inquieto, infeliz, que durante os últimos instantes de sua vida não conheceu melhor prazer do que conversar com você. Passei uma noite horrível e... ao mesmo tempo benéfica; foi ela que fortificou, determinou minha resolução: quero morrer. Ontem, quando consegui me afastar de você, sentindo-me convulsionado por minhas emoções, quando tudo comprimia-me o coração, e eu, desesperado, inconsolável, percebia como a vida sem esperanças de tê-la ao meu lado me empurrava para uma existência sombria... mal consegui chegar até meu quarto. Fora de mim, cai de joelhos, e Deus me concedeu, pela última vez, o supremo alívio das lágrimas mais amargas! Mil planos, mil perspectivas se entrecrocavam na minha alma e, afinal, ali ficou, imutável, inteiro, único, o derradeiro pensamento: “Quero morrer!...”

Deitei-me e, ao acordar desta manhã, mais calmo, este desejo ainda permanece firme, decidido em meu coração: quero morrer! Não por desespero, mas pela certeza de que cumpro o meu destino e de que me sacrificarei por você. Sim, Lotte, por que ocultar? É preciso que um de nós três desapareça, e devo ser eu. Oh, minha querida! Esse coração dilacerado muitas vezes já insinuou o furioso pensamento

de matar o seu marido!... de matar você!... de me matar!... Fiquei com esta última idéia” (Goethe, 1999, pg. 115).

Werther aponta como o estopim para sua decisão de consumir o suicídio, a noite que passara depois de seu diálogo com Lotte, onde esta lhe dissera que não era mais possível que se vissem com a mesma frequência, privando-o então, do que diz ter sido o maior prazer que conhecera em sua vida: conversar com ela. Relata que passou uma noite horrível, mas que isso lhe dera a força que precisava para finalmente seguir em frente com o que a tempos tinha em mente, uma vez que ter a esperança de um dia tê-la para si despedaçada o impele ao que chama de existência sóbria.

Ele afirma que o motivo de seu suicídio não é desespero, mas sim que pretende se sacrificar em nome de Lotte. Seu ato nobre vem de sua consciência que no triângulo amoroso que forma com Lotte e Albert, alguém tem que partir, e esse alguém voluntariamente será ele.

Após escrever essa carta, chamou seu criado e disse que viajaria por alguns dias. Pediu para que esse arrumasse sua mala, acertasse suas contas e desse dinheiro adiantado a aqueles que ajudava. Na noite, escreveu um bilhete a Lotte: “Oh Lotte, será hoje ou nunca! Na véspera de natal, você terá em suas mãos tremulas este papel, e sobre ele derramará suas lágrimas. Eu quero, preciso fazê-lo. Oh! como me sinto bem por ter decidido!” (Goethe, 1999, pg. 116). Werther demonstra o alívio que é para ele ter tomado a decisão, e a possibilidade de que com ela seu sofrimento se encerre.

Após escrever esse bilhete, Werther vai até a casa de Lotte, onde a encontra sozinha, sem Albert ou seus irmãos. Lhe entregou alguns livros e pediu outros. Constrangida, ela pergunta se esse não trouxera nada para ler, e ao ouvir uma resposta negativa, diz que sempre quisera ouvir os cantos de um livro de sua boca. Ele então os leu.

Alguns cantos depois, Lotte, que se emocionara fortemente, começa a chorar. Ele se jogou ao seus pés, e quando essa, ao ver seu sofrimento, o acolheu e seus rostos se encontraram, Werther a abraçou e a beijou furiosamente. Quando conseguiu se soltar, Lotte lhe disse: “É a última vez Werther! Não tornara a me ver” (Goethe, 1999, pg. 126). Ele então, se despediu dela: “Adeus, Lotte! Adeus para sempre!” (Goethe, 1999, pg. 126).

Na manhã seguinte, escrevera:

“Lotte, é uma emoção única e, apesar de tudo, parece um sonho confuso dizer para si mesmo: “este é o meu último dia!” O último! Lotte, não posso absolutamente compreender esta palavra: “O

ultimo!” Não estou na plenitude de meu vigor? E amanhã estarei inerte, estendido no chão! Morrer! O que significa isso? Acredite em mim, nós sonhamos ao falar da morte. Já vi muita gente morrer: mas o ser humano é tão limitado, que não tem a menor idéia sobre o começo e o fim da existência. Agora ainda sou meu... e seu! Seu, oh, minha amada! E dentro de um instante... separado, passado... será para sempre?... Não, Lotte! oh, não! Como posso desaparecer? Como nós podemos desaparecer? O que significa isso? É mais uma palavra, um som vazio, que não tem sentido para o meu coração. Estar morto, Lotte, enterrado numa cova fria, num lugar tão estreito, tão escuro!... Tive uma amiga que foi tudo para mim no desamparo de minha juventude: um dia ela morreu; acompanhei o seu enterro, e fiquei a beira da cova, no momento em que abaixavam o caixão, e as cordas desceram, sustentando-o, e tornaram a subir; depois, a primeira pá de terra caiu no buraco, e o caixão emitiu um som surdo, mais surdo e ainda mais surdo, e afinal foi coberto pela terra. Ajoelhei-me ao lado do tumulo – abalado, tremulo, temeroso, dilacerado até o fundo da alma, mas sem saber o que havia acontecido... o que vai me acontecer... a morte! O túmulo! Não entendo essas palavras.

Oh! perdoe-me! Perdoe-me! Ontem! Deveria ter sido o ultimo momento da minha vida. Ó meu anjo, pela primeira vez e sem a menor duvida, invadiu-me, queimou-me o coração esse delicioso sentimento: ela me ama, ela me ama! Meus lábios ainda ardem com o fogo sagrado que emanava fortemente dos seus; há no meu coração uma felicidade nova e ardente. Perdoe-me! Perdoe-me!” (Goethe, 1999, pg. 127).

Werther começa a divagar sobre a morte, e reconhece que mesmo agora, que já tomara sua decisão e esta tão próximo desse acontecimento, não consegue ter compreensão sobre ela. Acredita que o ser humano é limitado e que por esta razão não conseguem compreender os limites de sua existência, quando esta começa e termina, e com isso, o que é estar morto.

Werther também demonstra um sentimento de culpa, e pede veementemente desculpas a Lotte pela noite anterior. Ao mesmo tempo, demonstra satisfação por ter para si a certeza não estava enganado, e de que ela realmente o amava. Mesmo mantendo sua decisão de acabar com sua vida, isso lhe traz uma nova felicidade.

“Não é sonho nem delírio: próximo ao túmulo uma nova luz deixa-me ver tudo com mais clareza. Continuaremos existindo! Tornaremos a nos ver!” (Goethe, 1999, pg. 128). A certeza de que vai encontrá-la novamente, em uma nova vida, e com isso ter a

possibilidade ter sua amada para si e viverem juntos um grande amor, lhe dá um ânimo e mais um motivo para concretizar seus planos de se matar.

Werther pede a Albert, marido de Lotte, suas pistolas. Ele então escreve:

“Albert, perdoe-me, retribuí mal sua amizade. Perturbei a paz de sua casa; fiz com que a desconfiança nascesse entre vocês. Adeus! Quero por fim a essa situação, Oh! Espero que minha morte possa torná-los felizes! Albert, Albert, faça esse anjo feliz! Desejo a vocês todas as bênçãos de Deus!” (Goethe, 1999, pg. 132). Pode-se perceber o sentimento de culpa em relação a Albert, que ele julga muitas vezes ter oferecido grande amizade que não retribuiu dignamente. Também alimenta a crença de que em sua ausência, Albert e Lotte voltarão a ser felizes juntos, uma vez que sente que levava a desconfiança para o casal.

Em sua carta de despedida, onde falara a Lotte, disse: “Pois bem, Lotte! Não temo apanhar em minhas mãos o horrível e frio cálice do qual vou tragar a embriaguez da morte” (Goethe, 1999, pg. 133). “Oh! Se eu tivesse a felicidade de morrer por você, Lotte, de me sacrificar por você. Saberá morrer com coragem, com alegria, se pudesse devolver-lhe a paz, a felicidade para a sua vida. Mas nada posso!” (Goethe, 1999, pg. 133). Apesar de ter dito em um trecho anterior de sua carta que era por Lotte que se mataria, que se sacrificaria por ela, passa a acreditar que esse sacrifício não é possível, não é suficiente. O sentimento de culpa pelos conflitos que causou entre ela e o marido, e todas as conseqüências de seu amor avassalador por ela, o faz acreditar que não há sacrifício que consiga lhe devolver a felicidade.

“Ah! não pensei que esse caminho me traria até aqui!... Peço-lhe, fique tranqüila, fique tranqüila!” (Goethe, 1999, pg. 134). Ele então carrega as armas, e atira contra a própria cabeça, de maneira a não causar uma morte imediata, mas uma morte lenta e agonizante.

Hermenêutica de *Werther*

Analisando as cartas de Werther e seus desabaços ao seu grande amigo, é possível separar algumas categorias de análise, formando núcleos de sentidos que possibilitam uma compreensão fenomenológica das vivências do jovem Werther e sobre o seu suicídio.

Angustia:

“Culpa e angustia determinam ontologicamente o homem como ser-no-mundo; isto é, como um ser jogado no mundo o qual tem que reafirmar e edificar-se a si mesmo cotidianamente durante a sua

existência; visto que na medida em que o homem existe não lhe resta outra opção senão ser, já que somente a sua própria morte permite a ele não mais ter de ser” (Ferreira, 2002)

É justamente nessa única possibilidade de não ser proporcionada pela morte, que Werther se lança. Uma vez que estando vivo não lhe resta outra opção que não reafirmar e edificar a si mesmo cotidianamente, Werther busca em sua morte a possibilidade de não mais ser-no-mundo.

Ele afirma que: “Para terminar esse sofrimento, só vejo um caminho: o tumulto” (Goethe, 1999, pg. 61). Para ele, sua única possibilidade de encontrar a paz novamente e estar bem com sua condição de Dasein, com sua condição de estar lançado no mundo, é a morte, que o possibilita não estar mais nessa condição.

“Lançado no mundo, junto do mundo, imerso na impropriedade do cotidiano, o homem tem a sensação de que tudo está em ordem, sob controle, que ele comanda a sua vida e o em torno dela. Mas no instante em que surge a angústia o homem é retirado dessa suposta tranquilidade e é atirado frente à sua condição de ser lançado e abandonado no mundo, de um ente que tem sempre que realizar o seu ser” (Ferreira, 2002)

O momento de contato de Werther com sua angústia fora na chegada de Albert , onde Werther finalmente concretiza que seu amor com Lotte é impossível e que não poderá ser vivido em sua plenitude, como fantasiava. Convive agora com o fato de que não a terá para si, e tem de aceitar que ela pertence a outro alguém.

Segundo Ferreira, “a angústia representa a oportunidade de o homem sair da decadência e imergir na intimidade de seu ser” (2002). Sendo a decadência “uma determinação existencial pertencente ao estar-lançado, à facticidade do homem e indica que ele encontra-se entregue à impessoalidade do cotidiano” (Ferreira, 2002), nesse momento Werther entra em contato com si mesmo e se vê lançado na possibilidade de assumir seu ser, o que faz propriamente, uma vez que tomar por decisão não-ser.

Culpa:

“A angústia traz para o homem a sua verdade mais íntima, da qual ele procura escapar” (Ferreira, 2002). É em contato com sua angústia que Werther entra também em contato com sua verdade mais íntima. E nesse momento, se depara com seus verdadeiros sentimentos de Lotte.

Percebe então que seu amor, que julgava ser o mais fraternal, inocente e puro amor, tomara uma forma diferente e fora corrompido por um desejo ardente de possuí-la, de tê-la para si. Ele diz: “O que aconteceu, meu amigo? Temo a mim mesmo. Meu

amor por ela não é o mais sagrado, mais puro, mais fraternal? Terei alguma vez alimentado, no íntimo, um desejo condenável?” (Goethe, 1999, pg. 111). Surge então em Werther o sentimento de culpa.

Para a fenomenologia, “temos sempre que escolher um modo de ser e, como tal, podemos falhar nesta escolha. A culpa então se vincula à consciência da não-realização integral das potencialidades, da necessidade imperativa de efetuar certas escolhas em detrimento de outras” (Sodelli, 2007). Tendo esta concepção de culpa para a fenomenologia, podemos identificar no discurso de Werther, culpa em relação a sua amizade com Albert, e seu relacionamento com Lotte. Ele diz: “Albert, perdoe-me, retribuí mal sua amizade. Perturbei a paz na sua casa; fiz com que a desconfiança nascesse entre vocês” (Goethe, 1999, pg. 132).

Uma vez que a culpa se vincula a consciência de não-realização integral das potencialidades do ser, pode-se compreender na fala de Werther a culpa por não ter correspondido a amizade de Albert em sua potencialidade. Werther escolheu não corresponder a essa amizade, mesmo tendo grande admiração por Albert, que muitas vezes diz ser um bom rapaz. Com essa escolha, acabou distanciando-se dele, e causando conflitos entre Lotte e o marido. Passou a sentir então que instalara a desconfiança entre os dois, prejudicando o relacionamento.

É ainda possível perceber, em um outro momento, o sentimento de culpa expresso por Werther. Este se sente culpado por se deixar levar conscientemente para uma paixão que sabia ser impossível, e que lhe causara, posteriormente, grande sofrimento. Ele diz: “Meu diário, que abandonei há algum tempo, tornou-me a cair nas mãos hoje, e estou admirado em ver como avancei conscientemente, passo a passo, por esse caminho; como desde o início vi claramente minha situação, mas sem deixar de agir como uma verdadeira criança(...)” (Goethe, 1999, pg. 49).

Sendo seu amor impossível por Lotte o que acredita ser sua grande fonte de sofrimento, Werther, que explorou a possibilidade de ser seu amado até a chegada de seu noivo, viu essa possibilidade frustrada, que se tornou uma não-possibilidade, o que o faz sofrer e culpar-se.

Solidão:

“Na realidade, o fato de ser é o que há de mais privado; a existência é a única coisa que não posso comunicar; posso contá-la, mas não posso partilhar a minha existência. Portanto solidão aparece como o sentimento que marca o evento do próprio ser. (...) Tudo se pode trocar entre os seres exceto o existir. Neste sentido, ser é isolar-se pelo existir” (Lévina apud Silva, 2000).

Por muitas vezes, o jovem Werther diz, em suas cartas a seu grande amigo Wilhelm, que se sente só. Ele fora se afastando do convívio com as pessoas, uma vez que tudo que lhe importava era estar na presença de Lotte. Quando mudou de cidade, e passou a interagir com outras pessoas que não só sua amada, disse: “Tudo há de melhorar, pois reconheço, meu amigo, que você tem razão: desde que comecei a me misturar à multidão, vejo o que os outros fazem e como se comportam, e ando muito mais contente comigo mesmo.(...) não há nada mais perigoso que a solidão” (Goethe, 1999, pg. 69). Ele percebe como não esta tão sozinho lhe fazia bem.

“O que cada um pode ser só pode ser efetivado por ele mesmo e não por outrem. Esta imposição de que cada um tem que ser si mesmo e por si mesmo remete o homem para sua condição primordial: enquanto ser que tem que ser, quer dizer, na sua condição de estar-lançado, o homem esta só no mundo” (Ferreira, 2002).

Em diversos momentos em suas cartas, Werther queixa-se de uma incompreensão por parte das pessoas. Relata que “(...) trato meu coração como uma criança doente: dou-lhe tudo o que pede. Mas não diga a ninguém: há pessoas que não me compreenderiam” (Goethe, 1999, pg. 14). Werther, que é uma pessoa muito sensível e impulsiva, que se emocionava com facilidade de se entregava a seus sentimentos integralmente, muitas vezes era censurado e criticado pelos outros, que não lhe compreendiam.

Dessa incompreensão constante diante de seu ser, vem um sentimento de solidão. Sentimento de estar sozinho, uma vez que este não pode partilhar sua existência, mas apenas contá-la ao outro. Como ele mesmo disse a Albert, “(...) só podemos falar apropriadamente de uma coisa que entendemos bem” (Goethe, 1999, pg. 53). Por muitas vezes, questiona porque as pessoas julgam sem tentar fazer uma compreensão da existência do outro, e então se vê limitado ao fato de que apenas pode contá-la, e que nunca ninguém compreendera sua existência como ele compreende. Deste modo, esta sozinho com suas ações, escolhas e sentimentos.

“(...) a solidão e a angustia são momentos de estranheza para o homem, nelas tudo perde o sentido, o homem não se reconhece e o mundo perde significado; tudo se transforma em nada” (Ferreira, 2002). Werther muitas vezes fala sobre esse sentimento de perda de significado. Ele relata: “Quanto a mim, saio sem esperança, sem destino, e volto do mesmo modo como fui...” (Goethe, 1999, pg. 101). O jovem diz não ter mais vontades nem esperanças de que algo possa acontecer em sua vida. Seu único desejo passou a ser não mais acordar, o de não mais estar vivo, como relata em

carta ao seu amigo: “Deus sabe quantas vezes vou deitar-me com o desejo, com a esperança, de não mais despertar” (Goethe, 1999, pg. 95).

Amor:

“(…) ao dar-se conta de ser, de poder-ser, o homem percebe que tem que dar conta de seu ser, ou seja, tem que dar conta de sua existência e, sobretudo, isto está sob sua responsabilidade. Assim, o homem tem que “cuidar de ser”. Os homens tomam para seu cuidado tudo o que pertence à existência: o mundo, as coisas do mundo, os outros homens, si mesmos. Heidegger define como “cuidado” o habitar o mundo e construí-lo, preservar a vida biológica e atender suas necessidades, tratar de si mesmo e dos outros. É o “cuidado” que torna significativas a vida e a existência humana. Ser-no-mundo, portanto, é cuidar” (Sodelli, 2007).

Werther, um jovem sensível e emotivo, por muitas vezes em suas cartas, fala sobre o amor. Mostra como esse sentimento é fundamental para ele e essencial para toda a humanidade, não compreendendo as pessoas extremamente racionais. Ele diz: “Mais de uma vez embriaguei-me, vivi paixões que me levaram à beira da loucura, e de nada me arrependo (…)” (Goethe, 1999, pg. 52). Ele entrega-se e vive essas sensações intensamente.

Para o jovem: “(…) somente o amor torna um homem necessário neste mundo” (Goethe, 1999, pg. 56). Tal pensamento assemelha-se ao conceito heideggeriano, de que é o cuidado que torna significativa a existência humana. Werther cuidava de seus próximos, sempre se preocupando com seus amigos e ajudando os menos favorecidos. Mas era principalmente com Lotte que esse cuidado se expressava. Dentro de seu amor, sua admiração por Lotte, havia também o sentimento de zelo.

E foi no momento em que percebera que esse cuidado especial que tinha por Lotte a estava prejudicando, deixando-a infeliz e prejudicando seu relacionamento com Albert, fazendo-a se afastar dele, que sua existência, que há tempos declarava não ter mais sentido, perdeu por completo sua razão.

Como uma última expressão de cuidado com Lotte, Werther pretende sacrificar-se por ela. Ele diz: “(…) quero morrer! Não por desespero, mas pela certeza de que cumpro o meu destino e de que me sacrificarei por você. Sim, Lotte, por que ocultar? É preciso que um de nós três desapareça, e devo ser eu. Oh, minha querida! Esse coração dilacerado muitas vezes já insinuou o furioso pensamento de matar o seu marido!... de matar você!... de me matar!... Fiquei com esta última idéia” (Goethe, 1999, pg. 115). Para poupá-la, Werther prefere tirar a própria vida.

Segundo ele: “Saberia morrer com coragem, com alegria, se pudesse devolver-lhe a paz, a felicidade para a sua vida” (Goethe, 1999, pg. 133). Diante de seu sentimento de culpa, de quem tirou de Lotte, Werther tenta devolve-la, sacrificando-se. Esta é sua maneira de então, pela última vez, cuidar.

Ser-para-morte:

“Quando o homem depara com a sua morte, com o quanto ela lhe é própria e próxima, ele toma consciência de que é um ser-para-a-morte e finito. Da mesma forma que somente o homem pode realizar o seu ser também apenas ele pode morrer a sua morte” (Ferreira, 2002). Por muitas vezes, em suas cartas, Werther relata a seu amigo que o único caminho possível para se livrar de seu sofrimento, é a morte.

“Por ser uma condição existencial do Dasein ter que cuidar do próprio existir, dando sentido para as coisas do mundo, e mais, sabendo que é impossível transferir esta tarefa para outro, por estas razões, o mundo pode se tornar um lugar inóspito, a vida pode ser sentida como um ônus, como um fardo que se tem de carregar” (Sodelli, 2007)

Werther, por muitas vezes, procura atribuir ao seu sofrimento, uma causa externa, alguém que possa culpar. Ele diz:

“Deus sabe quantas vezes vou deitar-me com o desejo, com a esperança, de não mais despertar. E pela manhã, quando abro os olhos e revejo a luz do sol, sinto-me infeliz. Oh! Se eu fosse leviano, poderia culpar o tempo, uma outra pessoa, um empreendimento fracassado, e assim, o insuportável fardo do descontentamento não me pesaria tanto.” (Goethe, 1999, pg. 95).

O jovem tem consciência de que sua existência é intransferível, assim como seu sentimento. Sabe que se fosse leviano poderia se pensar como vítima de todo o sofrimento que lhe acometeu. Porém, sendo homem questionador, que sempre refletira sobre a existência, sabe que não pode compartilhar sua existência. Pode contá-la, mas não pode compartilhar sua existência, e por esta razão, sente sua vida como um ônus.

Werther vê na morte a possibilidade de não mais ter de ser em um mundo que considera inóspito. Aquele mundo no qual vivia, em que a natureza era bela, as crianças felizes e sua amada a mulher mais perfeita, transformou-se em um lugar onde a natureza é violenta e ameaçadora, tragédias acontecem também com crianças, e sua amada pertence a outro. O mundo de Werther passou a ser um lugar onde seu amor por Lotte era proibido, onde ficar ao seu lado, seu maior prazer, começara a ser

privado, onde tê-la para si era impossível e tem de conviver com a idéia de que ela pertence a outro.

Segundo Werther: “Não é sonho nem delírio: próximo ao tumulto uma nova luz deixa-me ver tudo com mais clareza. Continuaremos existindo! Tornaremos a nos ver!” (Goethe, 1999, pg. 128). Werther vê na morte, não só uma maneira de fugir desse mundo inóspito, onde não poderá ter sua amada junto de si, mas a possibilidade de encontrá-la novamente, após a morte, onde poderão ser livres para viver um grande amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o livro “Os sofrimentos do jovem Werther” (Goethe, 1999) a partir de uma visão fenomenológica, ampliamos a compreensão da existência humana. Segundo Heidegger “(...) toda obra-de-arte como lugar da verdade diz respeito ao lugar do humano como obra-de-arte, isto é, como desvelar humano” (Heidegger, pg. 20). Nesse sentido, ao mesmo tempo que se faz uma análise do livro, também se faz um exercício hermenêutico.

“Somente o amor torna o homem necessário neste mundo” (Goethe, 1999, pg. 56). São com essas palavras que Werther delimita a sua existência. Acredita que apenas o amor torna o ser humano necessário neste mundo. Porém, seu amor, o amor por Lotte, é impossível, não pode exercê-lo em sua plenitude.

Werther atribuiu como sentido para sua existência amar Lotte, estar ao seu lado e fazê-la feliz. Mas suas únicas possibilidades de ser-no-mundo, não a incluem. Ele teme o “sombrio futuro que me espera” (pg. 59).

O mundo se tornou extremamente inóspito para Werther. No mundo em que vive, ele tem de ser nobre, tem de ser forte e racional, tem de se afastar de Lotte. Uma vez que “o Dasein não existe isoladamente sem o mundo que habita, que por sua vez também não existe separado do Dasein” (Sodelli, 2007), Werther fala, em suas cartas de uma vida que, para ele, nesse mundo, não vale a pena ser vivida. Porém, a única maneira de se desvencilhar desse mundo que apenas lhe traz sofrimentos, é não mais ser-aí.

Entender que para alguém, a vida não vale a pena ser vivida, e por isso esta opta por deixá-la, é um conceito de difícil compreensão nos dias atuais, uma vez que vivemos em uma sociedade que valoriza ao extremo o estar vivo, e julga e condena aquele que opta por não viver. Uma sociedade que acredita que o sofrimento é passageiro e que devemos sempre superar nossos limites, com o jargão “agüente firme”. Em nossa sociedade, a possibilidade de uma vida sem sentido, é sempre considerada um sentimento momentâneo, e que por esta razão deve-se esperar que esse sentimento passe.

Werther, porém, acreditava que sua vida não tinha mais sentido. Não poder ser sua amada para si, e conviver com a idéia de que esta pertencia a outro, o empurrava para uma existência sombria, de sofrimentos e angustias, como estava vivendo. Ele

então vê na morte a única possibilidade de estar em paz novamente, de se livrar desse sofrimento que o afligia e que para ele, não passava.

Werther porém, não é o único registro de alguém que perdera o sentido da vida e optara pela morte. A fenomenologia nos traz o caso de Ellen West, a jovem que viveu uma juventude perturbada pelo desejo de morrer, e que segundo Binswanger (1977) vivia uma existência inautêntica, e sua morte, alcançada através de seu suicídio, foi uma decisão autêntica.

Apesar de casos diferentes, uma vez que o suicídio de Werther representava para ele uma possibilidade de fuga de um sofrimento sem fim e uma existência que para ele já não fazia mais sentido; e para Ellen West, a morte era um desejo, uma escolha autêntica que a acompanhava desde sua adolescência e que poderia ser alcançada através do suicídio. Ambos os casos apresentam a morte como uma escolha própria.

O suicídio muitas vezes é visto como um ato de desespero para solucionar uma situação difícil (uma vez que em nossa sociedade, todas as situações difíceis são vistas como passageiras), onde o suicida não tem escolha. Porém, tanto o caso de Ellen quanto o de Werther, nos mostram que o suicídio é uma escolha. O suicídio é uma possibilidade do ser-ai não mais ser-ai, ou seja, não-ser. Uma possibilidade que, as vezes, pode sim ser compreendida como uma decisão autêntica para a própria existência.

De uma maneira a não fazer nenhuma espécie de julgamento moral ou ético a cerca do suicídio, este presente estudo buscou ajudar na compreensão de um outro olhar a cerca do fenômeno do suicídio, mostrando este como possibilidade do Dasein e, portanto, compreensível.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

- BINSWANGER, L. El caso de Ellen West. Estudio antropológico-clínico. In: MAY, R.; ANGEL, E.; ELLENBERG, H.F. (eds.). Existencia. Madrid: Editorial Gredos, 1977. p. 288-434.
- BEIRÃO, M. Existência: um lugar de sentido ou experiência do absurdo? O suicídio. Vida, morte e destino, Editora Companhia Ilimitada, pg 73-82, 1992.
- BOEMER, M.R. O fenômeno morte: o pensar, o conviver e o educar. Ribeirão Preto, 1989. 111p.
- BOSS, M. A paciente que ensinou o autor a ver e pensar de um modo diferente, in Revista ABD, nº 11, 2002.
- BOSS, M. Flight from death – Mere survival and Flight Into Death – Suicide, in Between Survival and Suicide. New York, Gardner Press, INC., 1976.
- CAMPOS, Karley. O Suicídio na Abordagem Existencial Fenomenológica. Revista Newton Paiva, 2008.
- CRITELLI, D. Analítica do sentido – uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo, Editora brasiliense, 2006.
- CAMUS, Albert (2002), O Mito de Sísifo, ensaio sobre o absurdo, Lisboa, Ed. Livros do Brasil
- DARTIGUES, A. O que é a fenomenologia?, São Paulo, Centauro, 2005.
- DIAS, M.L. Suicídio: testemunhos de adeus. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- DUBOIS, C. Heidegger: introdução a uma leitura. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004.
- DURHHEIM,E. O suicídio – estudo sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FEIJOO, A. A existência para além do sujeito – a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clinica psicológica com fundamentos fenomenológicos-existenciais. Rio de Janeiro, Editora Viaverita, 2011.
- FERREIRA, A. Culpa e angústia em Heidegger. *Cogito* [online]. vol.4, pp. 75-79, 2002.
- FUKUMITSU, K.O. Suicídio e Psicoterapia – uma visão gestaltica. Editora Livro Pleno, 2005
- GOETHE, W. Os sofrimentos do Jovem Werther. São Paulo, Editora Nova Alexandria, 1999.
- HEIDEGGER, M. A origem da obra de arte, São Paulo, Edições 70, LDA; 2010.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo, São Paulo, Editora Vozes, 2006.

INWOOD, M. Heidegger, São Paulo, Edições Loyola, 2000.

JAENICKE, U. Esquizofrenia: uma aproximação terapêutica, in Revista ABD, nº 3, 1977.

MOREIRA, D. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo, Pioneira Thomson, 2002.

SAMPAIO, M.A.; BOEMER, M.R. Suicídio – um ensaio em busca de um desvelamento do tema. Rev.Esc.Enf.USP, v. 34, n.4, p. 325-31, dez. 2000.

SIQUEIRA, T. A percepção psicoterapêutica do suicídio na terceira idade na abordagem fenomenológica existencial. BIUS nº 1, vol. 3, 2012

SODELLI, M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. Ciência & Saúde Coletiva, p. 637 – 644, 2010.